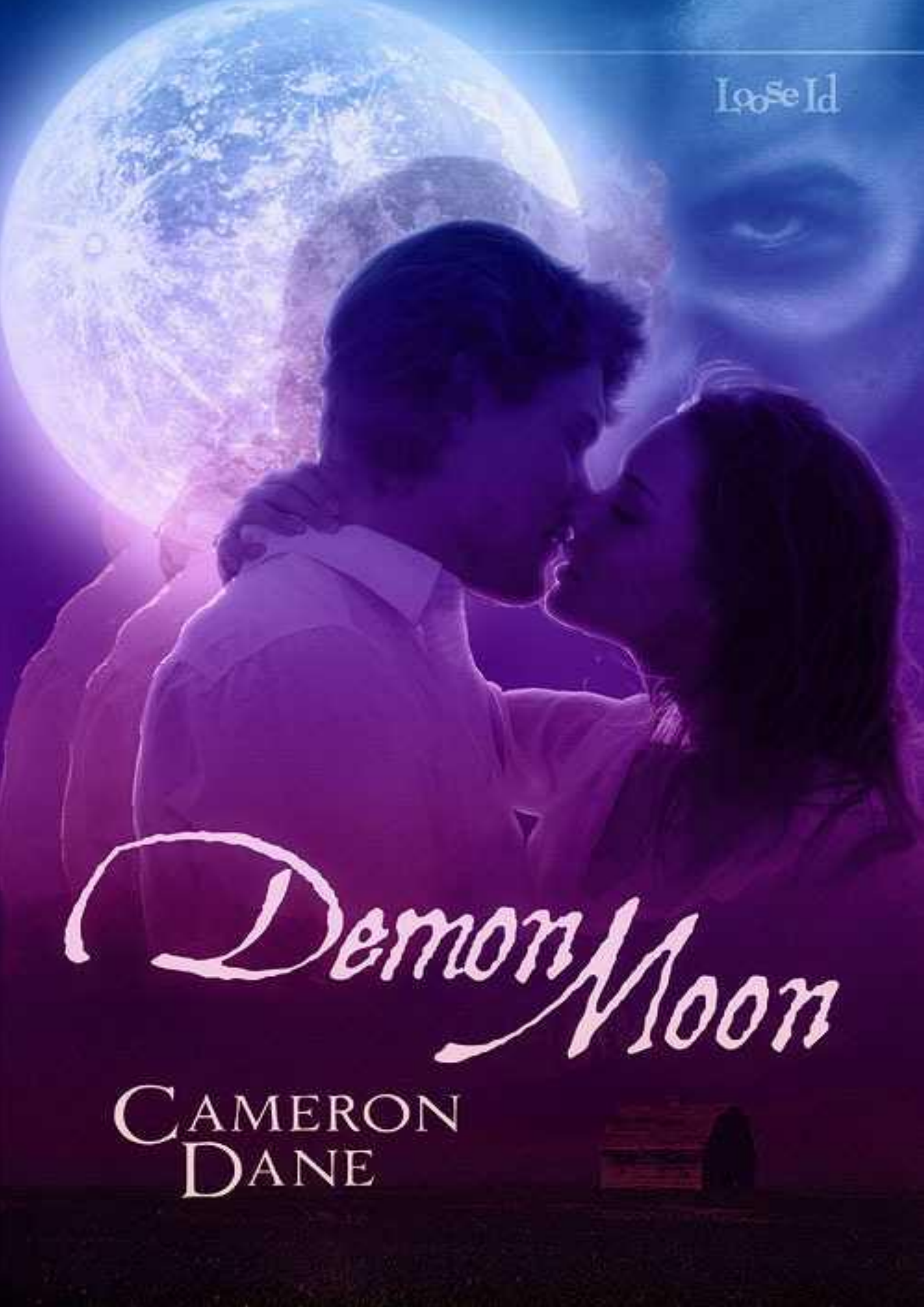


A movie poster for "Demon Moon" featuring Cameron Dane. The poster has a dark, moody aesthetic with a purple and blue color palette. In the center, a man and a woman are shown in a close embrace, about to kiss. The man is wearing a light-colored shirt. In the background, a large, glowing full moon is visible on the left, and a large, ethereal eye is superimposed on the right side of the sky. The title "Demon Moon" is written in a large, stylized, cursive font across the middle. Below the title, the name "CAMERON DANE" is printed in a bold, sans-serif font. In the bottom right corner, there is a small, dark silhouette of a house or building.

Loose Id

Demon Moon

CAMERON
DANE





Lua Demoníaca



Resumo

O Fazendeiro Connor Hawkins despreza cada gota de sangue de demônio que corre por suas veias. Ele daria qualquer coisa para se tornar humano. A única maneira de isso acontecer é participar de um ritual sombriamente sensual, sob uma rara lua cheia numa noite de Halloween, com uma mulher que o ame incondicionalmente. Ele tem a lua cheia, se ele ao menos pudesse arriscar seu coração e dizer a Cassandra Claire o que ele realmente é.

Cassie Claire pensa que ela já conhece Connor realmente, e esteve apaixonada por ele desde que tinha dezoito anos de idade. Eles partilharam uma amizade única, desde o dia que seu pai morreu e Connor a levou para casa, para viver com sua família. Mas Cassie tem vinte e três anos agora, e nessa noite de Halloween está determinada a fazer com que o teimoso e estóico Connor abra seus olhos e finalmente reconheça a mulher forte e capaz que se tornou.

Porém, é difícil confiar quando você não tem o costume, e Connor tem um tempo curto e precioso, antes que a lua cheia de Halloween desvaneça, e não apareça novamente por muitos e muitos anos. Ele precisa contar-lhe, mas se fizer, ela o amará o suficiente para fazer o que for preciso?

Eles irão se descobrir, em uma noite apaixonante, sob uma Lua Demoníaca.



Revisoras Prazer em Seduzir Comentam:

Fernanda:

Adorei revisar o livro porque havia tantas cenas de sexo, sexo, sexo e também havia cenas românticas.

Vale pena ler este livro porque é tão quente e perfeita para ler durante a noite.

E ensina nos que nós podemos não escolher a família mas podemos ter a família com que sempre sonhamos.

Mostra que o amor vence qualquer barreira, pode ser uma família extremamente religiosa ou o dinheiro, vence sempre.

O amor é o nosso companheiro nos momentos que precisamos de um companheiro.

Dou 4 corações e 4 cuecas.

Angélica:

Este livro foi um bálsamo e um acalanto para acalmar ao meu corpo (rs,rs)... depois de tantos chicotes, surras e sexo selvagem.

Uma história de amor... e é bastante emocionante quando ele luta consigo para dominar a besta dentro dele e não sacrificar a mocinha...mas pode ser que eu esteja sensível. (rs)

O livro é quente, as cenas dos dois é algo! Mas não é baunilha e muito menos chocolate trufado (hum!), mas acredite há uma boa calda de caramelo.

Advertência da Revisora:

Para quem não curte o sexo oral, melhor não ler.

Pois a cena onde tem que ser feito o ritual para transformá-lo em humano, ela tem que...e beber absolutamente...tudo! E a cena foi... um tanto quanto...cansativa.

Ah...classificação...03 corações.



Prólogo

Ela observou seu chefe da porta da sala de arreios, enquanto ele guardava seu equipamento, os olhos devorando suas costas largas e fortes, oculta de seu olhar faminto por uma camisa de cowboy azul desbotada. Seu olhar vagou mais para baixo e demorou em suas nádegas apertadas, apreciando essa visão secreta dele, enquanto trabalhava. Movia-se com uma agilidade incrível para um homem tão grande, e suas longas pernas de cowboy nunca prejudicaram sua graça. Ela perdia o fôlego apenas olhando para ele, e um dia, ele iria abrir os olhos e vê-la como uma mulher pela primeira vez. O mero pensamento fez suas palmas umedecerem-se.

"Você vai ficar aí o dia todo parada e de boca aberta?" Sua voz ressoou através do silêncio, sobressaltando-a e a fazendo saltar para longe do batente. "Ou você vai trazer a sua linda bunda até aqui e me dar uma mão?"

"Eu acho que você nunca precisou de ajuda com coisa alguma, Connor." Ela brincou com ele, para esconder seu próprio constrangimento ao ser surpreendida o observando. Porém, sem conseguir evitar, ela entrou na sala de arreios e se esgueirou em torno de seu grande corpo, um pequeno sorriso em seus lábios. Ela se sentou na cama estreita, uma necessidade usada por várias pessoas na equipe da Fazenda Hawkins, quando a época de cria estava em pleno vigor. Ela recostou-se nas mãos e virou o rosto para Connor. "Na verdade, você não quer minha ajuda. Você sempre quer fazer tudo sozinho."

O escuro olhar de Connor brilhou com fogo negro. "Normalmente não, mas talvez eu precise fazer uma exceção com você, Cassandra. Se eu colocá-la para trabalhar, cada vez que eu pegar você me espionando, você estará menos inclinada a fazê-lo com tanta frequência."

Cassie sentiu as bochechas esquentarem, quando o comentário de Connor chegou muito perto da verdade. Seu olhar tinha a terrível tendência de seguir Connor, quando ele estava por perto. Seu interior geralmente começava pulsar baixo e profundamente entre suas pernas



sempre que ele estava por perto. Quando ele a chamava de Cassandra, seu coração batia descontroladamente em seu peito. Ele era o único que fazia isso.

"Qual é o problema, doce?" Connor atravessou até a parede do outro lado da pequena sala e pendurou uma rédea em um gancho curvo embutido na parede. Ele a olhou por cima do ombro. "O gato comeu a sua língua de repente?"

"N-não". Cassie engoliu convulsivamente, enquanto o calor nos fundos do estábulo de repente, tornou-se espesso e sufocante. Sob o cheiro rico e pungente de cavalos e feno que permeavam o estábulo, o ar de repente ficou carregado de sexo. Seus olhos se arregalaram, quando ela o reconheceu. Ela ficou presa no olhar de Connor, enquanto ele se movia como um predador para o outro lado da sala em direção a ela. "Acabei de reparar as cercas com Hank e Cain, e fui escolhida para lhe avisar que terminamos, isso é tudo."

"Sério?" Connor ajoelhou na frente dela e invadiu seu espaço. Muito mais próximo do que jamais estiveram em suas vidas. Seu olhar flutuou para baixo até seus seios, permaneceu lá por um longo momento, e depois voltou até seus olhos. "Porque eu acho que seu coração está batendo terrivelmente rápido, para alguém que me procurou, apenas para compartilhar uma informação tão banal como essa."

"Oh?" Ela engoliu em seco novamente.

Uma sugestão de sorriso torceu os lábios duros de Connor, e foi totalmente perturbador. "Oh sim." ele respondeu, sua voz quase um toque de sua língua sobre sua carne.

Antes que Cassie pudesse contemplar o que esse olhar poderia significar, Connor cutucou as pernas dela para que as separasse e deslizou entre elas sobre seus joelhos. Embrulhou uma mão em torno de sua coxa e a acariciou através de seu jeans, fazendo seu coração disparar ainda mais. Ela agradeceu o fato de estar sentada, quando sua outra mão deslizou por seu ventre e cobriu seu seio, seus dedos longos, estranhamente elegantes, amplamente separados. Ele deixou sua mão descansar lá, apenas sentindo seu coração batendo forte, e Cassie inundou sua calcinha.



Então, ele deslizou os dedos até fechá-los e esfregou-lhe o mamilo através de sua camisa.

As pernas de Cassie se fecharam automaticamente contra os quadris de Connor. "O que você está fazendo?" Ela engasgou quando ele esvoaçou sobre sua carne sensível novamente. Seus mamilos endureceram imediatamente sob sua camisa, até chegarem a um ponto doloroso.

"Eu estou fazendo o que você veio aqui querendo, baby". O olhar de Connor encontrou o dela, quando abriu o primeiro botão de sua blusa. "Eu vou tomar essa inocência da qual você está tão ansiosa para se livrar, e quando eu terminar aqui, eu vou levá-la a cada baia neste celeiro e possuí-la novamente." Ele roçou e abriu o fecho dianteiro do sutiã e empurrou o tecido branco para o lado, expondo os seios pequenos. Ambos assistiram, extasiados, como os mamilos torciam até tornarem-se pequenas protuberâncias rígidas, apenas com Connor a olhando. Ele resmungou e olhou de volta para ela. "Cristo, você quer tanto quanto eu, não quer?"

"Sim". Cassie mal colocou a palavra para fora, antes que os lábios de Connor esmagassem os dela em um beijo feroz, um beijo de posse, no qual Cassie deleitou-se.

Durante cinco longos anos, ela havia esperado por isso. Ela gritou quando se agarrou a Connor, seu unhas curtas afundando-se em suas costas através de sua camisa. No segundo em que ela abriu a boca, Connor a invadiu com sua língua e a enroscou com a dela, arrastando-a para um profundo beijo carnal que não tinha começo nem fim, apenas diferentes graus de puro calor. Cassie ficou parada, enquanto Connor lhe dava um curso intensivo sobre beijo. Aprendeu rapidamente e mergulhou na caverna molhada de sua boca com a língua também, sugando como ele havia feito com ela. Ele estremeceu contra ela e agarrou-a apertado, fundindo seus torsos juntos, tão perto como duas pessoas podem chegar e ela liberou ainda mais creme.

Connor, de repente rompeu o beijo, sua respiração irregular e pesada conforme ele deslizava seu olhar escuro pelo seu corpo.

"Eu tenho que ver o resto, baby." disse ele, sua voz rouca, como um bom whisky envelhecido. Ele não parou para se arrumar, apenas levantou a perna e começou a puxar fora



suas botas de cowboy vermelhas. Botas que havia lhe dado como um presente de aniversário há dois anos. Ela as usava todos os dias.

Ele tirou as meias e levantou o pé à boca para beijar o arco. Fazia cócegas e ela se afastou. Ele deixou-a ir com outro daqueles sorrisos secretos perturbadores em seu rosto. "Antes de essa noite acabar, eu vou conhecer cada maldita polegada de você, Cassandra." Ele agarrou-a pelo cinto e a puxou para a borda da cama estreita. "E a maioria dos lugares será uma visão mais íntima e mais sensível, do que o seu maldito pé." Connor trabalhou rápido em seu cinto, e em segundos teve seu zíper aberto também.

Cassie levantou seus quadris e deixou que Connor deslizasse seu jeans e cuecas pelas pernas.

"Eu sei." Ela prendeu o fôlego quando sentiu o ar frio deslizando sobre seu corpo nu, arrepiando os pêlos de seus braços e pernas. Ela estremeceu, talvez por causa do frio, talvez pela intensidade nos olhos de Connor. De qualquer maneira, ela não escondeu. "Eu estou pronta para você, Connor." Ela mordeu o lábio antes de acrescentar: "Eu tenho estado pronta, desde o dia que nos conhecemos."

"Cristo, baby." Connor murmurou, seus olhos brilhando. "Você mexe comigo como ninguém."

Connor serpenteou a mão ao redor do pescoço de Cassie e puxou sua face de encontro ao seu, o fôlego úmido e quente dos dois se misturando, enquanto seus olhares fixavam-se um no outro. Ele deslizou a mão por sua perna esquerda lentamente, demorando-se sobre sua panturrilha e provocando a parte de trás do joelho, antes de prosseguir. Seus dedos ásperos acariciaram a pele sensível na parte interna da sua coxa e a provocou, o toque tão leve que seus dedos dos pés se torceram no chão de concreto frio.

Suas narinas dilataram, quando passou as pontas dos dedos sobre seu monte de cachos escuros, o pequeno gesto liberando sua fragrância almiscarada no ar. Ele mal a tocou, e sua vagina apertou e pulsou por dentro. Quando a ponta do seu dedo indicador deslizou pelo comprimento de sua abertura, ela gemeu de prazer primitivo.



"Maldição, você está tão excitada." Connor disse, admiração em suas palavras quando ele empurrou apenas um centímetro da ponta de seu dedo dentro de sua entrada e começou a pressionar. "Você está tão malditamente inchada, molhada e aberta." Ele empurrou um pouco mais profundo, e ela abriu as pernas para acomodá-lo. Seu canal agarrou e começou a ordenhar o seu dedo. "Cristo, Cassandra, você é mais apertada do que qualquer coisa que eu já senti"

Cassie nunca havia feito algo assim antes, e seu corpo gritava para que tudo acontecesse de uma vez. Connor quase não estava dentro dela, mas ela começou a ondular mais seus quadris de forma que tomasse mais do seu dedo, gemendo e ondeando, quando fez o que ela queria. Cada terminação nervosa em seu sexo vibrou até a barriga com mensagens de puro prazer, e ela moveu-se contra o dedo de Connor como uma libertina, indiferente de como devia parecer diante dele. Era delicioso, e ela queria mais.

Connor parecia sentir isso, e seu olhar vagou por todo o comprimento de seu corpo nu, até encontrar o dela. "Dobre as pernas e coloque os calcanhares na cama, amor." ele instruiu, sua voz baixa e escura. "Eu quero lhe dar algo, que você nunca mais esquecerá."

Cassie fez como ele disse, presa no prazer causado pelo dedo Connor trabalhando em sua vagina para ter qualquer receio agora. Quando colocou o segundo calcanhar na cama, ele mergulhou outro dedo dentro de seu corpo, desta vez sem tempo para que ela se acostumasse às sensações. Ela gritou em choque, os dedos se enrolando no colchonete para manter seu corpo ancorado à terra. Connor a fodeu com os dedos rápida e profundamente, esticando sua vagina inexperiente para o que, ela sabia, viria em breve.

Seu pênis.

O sexo dela foi esticado aberto, implorando por mais, mas ela estava tão ligada a este homem, que não tinha medo ou vergonha. Os lábios de sua vagina estavam vermelhos e inchados, brilhando com a umidade que Connor tinha provocado apenas estando no mesmo quarto com ela. Ela olhou para baixo, para seu próprio corpo e podia ver seu clitóris ereto, empurrando para fora do topo de seu sexo, ansioso e pulsante, implorando por atenção.



Os olhos de Connor seguiram os de Cassie, e ele a olhou de volta com plena consciência e decidido. "Parece que você sabe exatamente o que fazer para cuidar da dor que você sente entre as suas pernas à noite, no escuro, não é?" Ele diminuiu seu dedo dentro dela, e frustração brotou, quando ele os deslizou completamente para fora. Ele esfregou a ponta do seu dedo sobre o clitóris, fazendo-a saltar. Ele não olhava para seu sexo, apenas para os olhos dela. "Você brinca com seu corpo à noite, quando ninguém está olhando, não é?" Ele esvoaçou tortuosamente sobre ela de novo. "Talvez no chuveiro, às vezes, também? Estou certo?"

Cassie se contorcia contra o fino colchonete sob seu corpo como se cada terminação nervosa em seu corpo zumbisse com vida. Ela não conseguia romper a prisão do olhar de Connor, e ela descobriu que não podia mentir também. "Sim".

"Devo cuidar disso agora? Só desta vez?"

Ela tinha certeza de que iria entrar em combustão espontânea, se ele não o fizesse. "Sim". Ela mordeu os lábios e assentiu com a cabeça.

"Obrigado." Connor riu, o som reverberando na pequena sala. "Eu poderia ter um ou dois truques na manga que irão surpreendê-la."

Antes que Cassie pudesse pensar na razão de Connor estar rindo dela, ele esboçou um sorriso rápido e enfiou o rosto entre as pernas. Ele rosnou e lambeu toda a extensão de sua abertura, serpenteando a proeminência de sua língua em seu corpo para introduzir. A sensação era insana, e Cassandra caiu sobre a cama, os braços não suportando quando ela se sentiu a língua de um homem a tomando pela primeira vez. Connor rapidamente deslizou seus dedos para possuir a vagina dela, nem por um minuto aliviando o prazer que estava provocando nela. Ele enterrou o rosto em seus pêlos e desapareceu no comprimento de seu sexo molhado, lambendo e bebendo de sua essência ao longo do caminho. Ele gemeu baixo em sua garganta, quando alcançou seu clitóris, e seu olhar escuro encontrou o dela, quando tomou o clitóris inchado entre os lábios e começou a chupar.

Cassie uivou e jogou as mãos para trás contra a parede, apoiando-se contra a onda de sensação que Connor arrancava de seu sexo. Ele tinha dois dedos tomando sua vagina, e a sua



língua fazia milagres em seu clitóris de uma forma que ela só havia lido nos livros; estava quase a ponto de gozar e desmoronar.

"Connor, eu quero você." ela ofegou. Ela agarrou sua cabeça e o puxou. "Eu quero você." Ela segurou seus braços, transferindo-os longitudinalmente na cama até que ele estivesse cobrindo-a completamente. Ela alcançou entre seus corpos e puxou seu cinto, e num esforço conjunto, empurraram seu jeans para baixo de seus quadris. Pela primeira vez, ela o deixou ver em seus olhos cada grama de afeto, desejo e amor que sentia. Desta vez, não havia medo ou disfarce. Ela mergulhou os dedos em seu cabelo grosso e escuro e puxou-o para baixo até que seus lábios se tocaram. Ela abriu as pernas e se preparou para ele, sentiu seu comprimento quente se aninhar naturalmente entre os lábios inferiores, como se fosse feito para estar lá. "Eu quero gozar com você." Ela beijou-o com tudo o que possuía e murmurou em sua boca, "Eu quero gozar com você dentro de mim."

Seus olhos brilharam, os lábios puxados para trás violentamente, arreganhando os dentes, e depois ambos estavam gritando em uníssono, quando ele impulsionou e mergulhou nela dura e profundamente, levando a última barreira de sua inocência com ele.

"Eu amo o fato de você ter vindo até mim." disse Connor grossamente, sua voz uma estranha combinação de terno e cruel quando ele se arrastou para fora, quase a ponto de deixá-la, e depois se afundou até o fim "Eu amo o fato de você ter me deixado ser o seu primeiro."

Cassie envolveu as mãos em torno dos antebraços firmes de Connor e segurou.

"Só você, Connor." Ela encolheu as pernas, enrolou os pés no colchonete debaixo deles, e começou a bombear seus quadris para cima, aprendendo o ritmo de fazer amor com Connor. "Sempre foi você."

Connor estremeceu acima dela, e os músculos em seus braços tremiam também. "Você acaba comigo falando desse jeito." Ele mergulhou para baixo e juntou seus lábios, grunhindo um pequeno suspiro de prazer, quando ela abriu a boca e deixou-o entrar.

As molas cruzadas sob o colchão rangiam a cada empurrão de seus corpos, e a barra na cabeceira da cama batia ruidosamente contra a parede, cada vez que Connor se afundava nela.



Foi primitivo e elementar, e quase fora de controle. Cassie amou tudo isso, como ela sabia que amaria. O que ela amava mais, porém, foi Connor dar este pedacinho de si mesmo, só para ela.

O grosso eixo de Connor acariciava as paredes internas de Cassie com um prazer insuportável, cada nervo em seu corpo, aparentemente sem saber que o nervo ao lado já estava esticado até o limite do que era capaz de sentir. Ela empurrava seus quadris para cima de forma irregular, tentando desesperadamente aliviar a terrível coceira que Connor criava nela com cada golpe, toque e beijo que lhe dava. Ele arrancava dela emoções cruas e primitivas com toda palavra carinhosa que sussurrava, cada sentimento doce, aberto e vulnerável, ao contrário de qualquer coisa que ela já havia o escutado dizer. Ela agarrou seu braço como um gato escalando uma árvore, lutando para subir como se sua própria vida dependesse disso. Ela arrastava-se contra ele e mordida seu ombro, agarrando-se lá conforme ele continuava a tomá-la sem trégua.

"Por favor, Connor, por favor." Estava começando a ser demais para suportar, e o corpo de Cassie doía para alcançar o alívio. Ela sabia como cuidar de si mesma, mas desejava que ele fizesse isso. "Ajude-me. Toque-me. Faça-me gozar."

Ela sentiu a mão de Connor deslizar para baixo por seu ventre e através de seu ninho de cachos. Seu peso caiu sobre ela, uma pressão maravilhosa diferente de qualquer outra coisa na vida. Ele murmurou contra seu ouvido: "Qualquer coisa, Cassandra." Seu dedo tocou sobre o clitóris saliente e esfregou. "Qualquer coisa para você."

Um segundo dedo se juntou ao primeiro e apertou, e de repente Cassandra empurrou de pé, lamentando alto, enquanto ela chorava no ombro grosso de Connor, conforme ela convulsionava e gozava.

Um orgasmo, tão forte que arruinou seu corpo inteiro, puxou-a para fora do sono, empurrando-a de volta para o quarto, sozinha, mais uma vez.

Na escuridão da noite, Cassie rolou para o lado dela na cama, com as mãos ainda enterradas entre as pernas, enquanto estremecia até o final de um apertado e familiar clímax – um que ela conseguia com a habilidade de seus próprios dedos. Ela tremia contra seus dedos, enquanto ela jorrava e gozava da mesma maneira que sempre fez. Não por Connor. Não por



seus dedos capazes. E definitivamente não com seu pênis embainhado profundamente dentro de seu corpo.

Foi apenas mais um frustrante e familiar sonho. Não era real, mesmo se desta vez tivesse sido muito mais do que das outras vezes.

Frustrada pelo modo como sua mente a havia enganado, Cassie esticou o pescoço e olhou para o relógio digital na sua cabeceira, pegando os números que brilhou nas trevas. 3:48 da manhã.

Quase o início de mais um dia na fazenda. Exceto que hoje não era o mesmo de sempre. Hoje era especial. Hoje era Halloween. *Típico*. Foi provavelmente por isso que o sonho havia sido tão forte e pareceu tão real. Tinha que haver algo paranormal trabalhando durante o dia, e já estava afetando o seu dia.

Amaldiçoando sua atração incorrigível, Cassie abraçou o travesseiro contra o peito e tentou voltar a dormir.



Pelo corredor, em seu próprio quarto escuro, Connor gritou também, sua voz abafada pelo seu travesseiro, enquanto ele tremia contra o seu colchão e derramava sua semente, a imagem de uma única mulher em sua mente.

A única que ele queria. A que ele nunca poderia ter. Sua forte atração pela jovem que vivia em sua casa era uma maldição, que tornava hoje o maior desafio que enfrentaria em toda sua vida.

Connor Hawkins odiava as malditas luas cheias, em noites de Halloween.



Capítulo Um

8:00 h

Cassie podia senti-lo atrás dela, sua presença uma força silenciosa que parecia estender a mão e aquecê-la com sua força vital, quando ele estava próximo. Entretanto, este não era um sonho, ele estava lá de verdade. Ela aceitou a vibração em sua barriga como o que realmente era, completa consciência sexual e total atração por este homem. Ela virou-se e imediatamente encontrou-o parado por perto nas sombras do pequeno cemitério, calmamente a olhando. Como ele sempre fazia.

Com 1,96 m, feixes de músculos vigorosos de cima a baixo e um rosto duro que não podia exatamente ser descrito como bonito, era difícil não notá-lo. Connor Hawkins. Ele era tudo o que Cassie queria, mas estava envolvido em uma couraça de proteção tão forte, que não sabia se, algum dia, ele deixaria alguém conhecê-lo de verdade.

"Você não tem que cuidar de mim." ela disse finalmente, e ainda lhe deu um pequeno sorriso. Esfregou a lápide de granito liso em suas costas, traçando com os dedos carinhosamente o nome da pessoa amada, antes de virar-se para Connor. "Eu estou bem, sabe. Já sou capaz de vir vê-lo sem chorar a algum tempo."

"Não estou preocupado com você." Connor envolveu-se na sua rudeza familiar, enquanto empurrava sua altura para longe de um carvalho gigante e andava lentamente em direção à Cassie. Ele agachou-se ao lado dela, os joelhos estalando no silêncio, e encontrou seu olhar. "Mas quando você não apareceu para o café da manhã, eu comecei a me perguntar se eu teria que encontrar alguém, para ajudar Caleb hoje com a castração dos animais".

Cassie deu uma risadinha. "Uh huh. Certo". Ela levantou uma sobrancelha escura para Connor, num olhar conhecedor. "Você estava apenas pensando egoisticamente nos negócios da Fazenda porque eu nunca, nunca salto na primeira oportunidade de fazer o trabalho duro e sujo quando você me oferece, eu sendo tão doce e tudo mais."



Ela podia estar ajoelhada no chão agora, mas ambos sabiam que ela media um bom 1,76m. Ela olhou para ele novamente. "Você não lembrou por acaso que hoje é aniversário do meu pai e, automaticamente, soube que eu estaria aqui, por isso veio ver como eu estou? Você está aqui puramente por negócios, Connor. É isso o que você está dizendo?"

Connor apertou a boca até ficar dura e reta, uma linha quase cruel, enquanto seu olhar ia dela até a lápide, e depois voltava para ela.

"Já que estamos aqui." disse ele. "Você está bem?"

Um comichão engraçado cintilou sobre o pescoço exposto de Cassie, fazendo-a estremecer. Era o mesmo sentimento que sussurrou em seu interior, quando ela despertou de seu sonho dolorosamente real algumas horas atrás.

"Eu não tenho certeza." disse ela, sem saber muito bem como explicar de outra forma o que estava sentindo. "Hoje é noite de lua cheia, e parece que vai ser um dia estranho." Ela aprisionou o olhar escuro de Connor e sustentou-o sem vacilar. "Isso faz algum sentido? Você pode sentir isso também?"

O foco de Connor deslocou-se de Cassie até a linha de sempre-vivas à distância.

"É Halloween." ele respondeu, sua voz um pouco áspera. Parecia seu tipo usual de resposta sensata, mas Cassie estava observando de perto, e ela viu os músculos de seus ombros e peito enrijecerem visivelmente. "Com certeza haverá um monte de malucos lá fora tornando o dia todo estranho". De repente, ele se voltou para ela, o rosto misterioso novamente. "Você está tentando me dizer que eu vou ter que me preocupar com você fazendo corpo mole para cima de mim hoje e culpando o feriado?"

O sorriso de Cassie veio rápido. "Não se você não fizer".

O sorriso de Connor era muito mais rígido do que o de Cassie. "Sem chance. Agora." ele desdobrou seu longo corpo e ficou de pé "Que tal? Está pronta para começar a trabalhar?"

O olhar de Cassie voltou à lápide de seu pai. Ela traçou a data de nascimento com a ponta dos dedos. Manteve sua mão lá e olhou de volta para Connor.



"Eu vou ficar aqui um pouco mais." Ela viu o profundo olhar castanho de Connor se transformar em negro. Ele podia não querer dizer isso, mas ela sabia que ele se importava. "Apenas visitar." ela assegurou. "Afinal, é seu aniversário."

"Tudo bem, mas não deixe Caleb esperando por muito tempo." A mão grande de Connor alisou de repente sua cabeça e o comprimento de sua trança grossa, e então ele puxou o final, forçando-a a erguer o rosto e olhar para ele. O ser humano que ele não gostava que ninguém visse, o que muitas vezes agia como não existe, se revelou por um momento, despido por apenas uma fração de segundo, pegando o coração de Cassie de surpresa. Tão rapidamente como tinha estado lá, ele tinha ido embora. Enquanto largava seu cabelo, ele acrescentou friamente: "E pelo amor de Deus, não fique meditando".

Ah, lá estava o homem autocrático, com quem Cassie estava acostumada. Ela não se importava com seus modos crus da maneira que algumas pessoas faziam, no entanto. Em sua mente, era apenas outra parte do que tornava Connor, ele mesmo.

"Não se preocupe." ela prometeu: "Eu não vou manter os pobres bezerros esperando muito tempo. Afinal, alguém tem que transformá-los em novinhos".

"Música para os meus ouvidos." Connor deu a Cassie seu primeiro sorriso verdadeiro do dia enquanto ele recuava. "Música para os meus ouvidos."

Cassie observava Connor se afastar, e a leveza secreta que ela sempre se sentia em seu coração quando ele estava perto, forçou um sorriso pequeno, quase invisível aos lábios. Quando ela ouviu sua caminhonete ligar e soube que ele tinha ido embora, ela se virou para seu pai, e pela primeira vez no que se referia à Connor Hawkins, Cassie derramou seu coração.

11:30 h

Connor se sentou em sua mesa, com a cabeça em uma mão e uma caneta na outra. Ele ficou olhando nos números diante dele, fazendo uma careta, enquanto procurava outra maneira de apertar as cordas ao redor da propriedade, de modo que ele e seus irmãos não fossem



forçados a tomar um empréstimo ou despedir algumas pessoas. Ele resmungou para si mesmo no quarto quieto, desprezando as duas opções com todas as fibras do seu ser. A casa e os bens eram pagos diretamente, e ele havia conhecido instabilidade o suficiente, durante a maior parte de sua vida para que não quisesse depender de ninguém, para que tivesse um teto sobre sua cabeça. Ele sabia que seus irmãos, Caleb e Cain, sentiam-se exatamente da mesma maneira. Isso sem considerar Cassie, por quem estava fazendo a única coisa aceitável que seus sentimentos por ela lhe permitiam fazer. Proporcionar-lhe um emprego e um lugar para viver, onde pudesse sentir-se segura e protegida.

Havia apenas uma opção realmente factível conseguir os fundos necessários, e Connor odiava quase tanto quanto as outras. Ele pensou sobre a inevitável necessidade de vender alguns cavalos e amaldiçoou um fluxo constante de palavrões para si mesmo, sabendo que seu irmão Cain odiaria como o inferno, ter que se desfazer até mesmo de um de seus animais preciosos.

"Existe alguém em especial que você gostaria de matar com suas próprias mãos?" Uma voz profunda questionou a partir da porta. "Ou você está em um estado de espírito em que qualquer um serve?"

Connor olhou para cima e encontrou um rosto que era quase tão familiar para ele como seu próprio. Como malditamente devia ser, esteve olhando para ele por muito mais tempo do que uma vida humana natural. Era seu irmão Cain. Ótimo.

"Entre." Connor, acenou com a caneta na mão. "Não há nenhum sentido em adiar isso. Quanto mais rápido você ficar chateado comigo, mais rápido você vai superar. Eu não vejo motivo para atrasar o inevitável".

"Que tal, porque hoje é Halloween?" Cain sugeriu conforme entrava no escritório e pegava uma das cadeiras, ao pé da mesa. "Que tal, porque todos nós fomos convidados para uma festa hoje à noite? Que tal, porque você sabe que é um dia importante para Cassie, e você sabe que irá fazê-la feliz..."



"Não comece a me provocar sobre Cassie." Cristo, Connor não seria capaz de se concentrar se começasse a pensar nela. "Por favor, não agora." Ele ergueu a mão e sufocou a dor em seu coração, sabendo que ele tinha que fazer isso. "Isso é sério."

"Tudo bem." Cain falou, sóbrio também. "Mande."

"Eu estou olhando para os números, irmão, e salvo algumas coisas que nós juramos que nunca faríamos, não vejo outra opção". Connor olhou para cima, recusando-se a esconder-se de Cain. "Se quisermos passar o inverno com nossas camisas ainda nas nossas costas, nós teremos que vender um número de cavalos".

Connor observou Cain, enquanto processava a idéia de perder algumas de suas amadas crias. A mandíbula de Cain estalou e rangeu, ele olhou para a janela e encarou o exterior por um longo tempo. Quando ele olhou de volta para Connor, o seu olhar azul estava suspeitosamente brilhante.

"Okay." ele finalmente disse, sua voz grossa. "Se é isso que temos que fazer, então isso é o que faremos".

Connor se recostou na cadeira e esperou que o alívio o invadisse, esperou sentir-se grato por Cain não iniciar uma batalha emocional pelos animais que tanto amava. Nenhum dos dois veio. O sentimento doente de impotência que fervia nas entranhas de Connor, na verdade, piorou.

"Você não vai brigar comigo?" Connor sabia que estava cutucando, mas não foi capaz de evitar. "Às vezes eu penso que você ama os cavalos, mais do que nos ama. Você vai me deixar vendê-los, simples assim?" Ele estalou os dedos. "Só porque eu digo que precisamos?"

Cain se inclinou para frente em seu assento. "Você está me enrolando sobre a nossa situação?"

"Não."

"Você analisou cada outra opção?"

"Sim". Connor deslizou os papéis sobre a mesa como prova. "Cristo, Cain, eu juro que eu fiz."



O olhar de Cain deslizou até Connor e ficou lá. "Quanto tempo você agonizou com isso, antes de aceitá-lo?"

"Mais de duas semanas. Eu não vejo outra maneira".

"Então deixe pra lá, mano. Eu não gosto, mas tem que ser feito. Nós vamos vender alguns dos cavalos. Não." ele corrigiu: "Eu vou vender alguns dos cavalos".

"Talvez possamos recuperá-los em um par de anos." Connor se apressou a oferecer. "Mantenha o registro deles, e quando estivermos em uma posição melhor, podemos fazer uma oferta e trazê-los para casa. Nós estamos a uma linhagem de conseguir, Cain, e eu sinto forte dentro de mim que é esse ano".

"Você não tem que me convencer, Con. Está tudo bem. Todos nós fazemos sacrifícios por esta propriedade. Eu entendo isso. Caleb também. Você pode não querer enxergar, mas Cassie também. Talvez você devesse considerar, procurar um de nós na próxima vez em que você tiver que tomar uma decisão como esta, ao invés de tentar fazer tudo sozinho".

Connor desviou o olhar, desconfortável com o escrutínio. "Por que preocupar quatro pessoas em vez de uma? Eu estou bem. Eu só quero que você esteja também".

"Eu vou ficar bem". De repente, o rosto de Cain ficou decididamente sem vida. "Eu odeio fazer isso com você, Con, mas a venda de alguns dos cavalos é a menor das nossas preocupações de hoje". Cain deixou cair à bomba. "Acabei de reparar as cercas com Hank, e MacLesten está causando problemas de novo." MacLesten era seu vizinho mais próximo, outro criador de gado. "Ele está se movendo a maldita cerca no lado norte da propriedade novamente, e ele diz que, se nós a movermos do lugar mais uma vez, ele irá fazer uma barragem no riacho Willow, de modo que nem um pouco de água desça para a nossa propriedade, como deveria ser por direito".

"Filho da puta, maldito criador de problemas". Connor saltou de sua cadeira e começou a andar, cavando as mãos nos cabelos escuros de sua cabeça. "Eu espero que você o tenha mandado para o inferno e tenha prometido que, se ele tocar nesse riacho, vamos processar o seu rabo por cada centavo que ele possui".



"Eu disse algo parecido com isso." Cain agarrou o braço de Connor quando ele passava, fazendo-o parar. Ele olhou para cima de sua posição sentada, e acrescentou: "Ele diz que você é o chefe, porém, que ele não vai lidar com ninguém além de você".

"Você é um maldito sócio igualitário!" Connor podia sentir sua pele aquecer, enquanto seu temperamento esquentava rapidamente. "Assim como Caleb, e aquele filho da puta sabe disso. Juro por Deus, há dias em que eu poderia matá-lo com minhas próprias mãos".

"Você é o rosto da Fazenda Hawkins, Connor." Cain ressaltou. "E você sabe disso. Você tem que falar com ele".

Connor caminhava pela sala numa tentativa de acalmar-se, cerrando os punhos a cada passo que dava. A parte de trás do pescoço ficou insuportavelmente quente, e uma dor na testa atravessou seu crânio como uma lança. Uma pressão incrível interna pressionou sua carne, queimando e alongando seu malar com o calor escaldante. O incêndio se espalhou e serpenteou para baixo, pela coluna de Connor, fazendo-o tropeçar. Ele pressionou suas órbitas com a palma de suas mãos em um esforço desesperado para empurrar a dor para dentro.

Cain se levantou de repente e agarrou Connor pelos ombros, sacudindo-o forte o suficiente para trazê-lo de volta ao presente. "O rosto que Justin MacLesten vai ver será bastante diferente do que as pessoas estão acostumadas, se você não se acalmar agora. Controle-se, irmão. Encontre uma maneira de dominar sua outra metade, antes de ir até MacLesten, ou vamos acabar com um tipo totalmente diferente de problema".

"Eu não posso controlá-lo!" Connor estourou. Ele lutou através do que ele estava sentindo para permanecer em sua forma humana. "Eu o odeio, não quero fazer parte dele. Ele é a maior razão pela qual eu devo ser como sou." Connor ouviu seu discurso que remetia ao padrão antigo e formal conforme suas emoções o dominavam. Ele lançou um olhar duro a Cain, mas com deliberada concentração, forçou-se a respirar, focalizar, e recuperar seu controle. "Você sabe como é isso também, Cain. Eu não quero aprender a controlá-lo." Cristo, ele era a própria razão pela qual Connor se recusava a se deixar sentir muita coisa. "Eu só quero que ele se vá".



Cain recostou-se contra a mesa, cruzou os braços, e não deixou Connor se afastar ou se esconder do escrutínio. "Hoje é noite de lua cheia."

"Não." Connor respirava asperamente, a palavra quase uma maldição. Seus olhos eram negros como o ônix. Ele não se atrevia a permitir-se até mesmo pensar sobre isso. "Não ouse dizer mais uma palavra sobre esse assunto".

"Tudo bem". Cain recuou, erguendo os braços em sinal de rendição. "Mas você vai cair um dia, Con. Todos nós iremos. Chegará um ponto em que você não poderá mais se esconder do que você deseja. Seu corpo e sua alma vão sentir algo, que você não pode controlar. Algo muito mais forte, do que essa raiva que você está sentindo por MacLesten agora". Ele acenou com o braço para cima e para baixo pelo corpo de Connor, novamente uma imagem de calma e controle. "Quando isso acontecer, o segredo será revelado. Você não será capaz de detê-lo como fez agora".

Havia apenas uma pessoa capaz de fazer isso com ele, e Connor tinha isso sob controle. "Eu nunca vou deixar isso acontecer." Sua voz era dura e cortada. Ele afastou-se da mão de Cain e se dirigiu para a porta. "Agora vamos conversar com esse filho da puta MacLesten, antes que eu realmente perca a minha paciência. Cristo, não é nem meio-dia, e eu já não posso esperar para esse dia terminar." Ele olhou por cima do ombro para Cain. "Você vem comigo. Vamos".

"Você está se dirigindo para uma enorme queda, irmão." Cain falou suavemente, antes de segui-lo. "E eu temo por qualquer um que achesse seu caminho."



Capítulo Dois

16:00 h

Cansado de sua "conversa" com MacLesten que tinha produzido um acordo tenso e temporário, Connor ficou afastado nas sombras da tarde e assistiu, fascinado, como a cena no cercado principal se desenrolava diante dele. Ele tentou ficar longe, mas depois do dia que teve, precisava vê-la.

Ela era muito jovem para ele, com sua beleza natural beijada pelo sol, seus cabelos escuros e seu entusiasmo pela vida. Cassandra Claire era tudo o que Connor nunca havia percebido que queria, até que ele a acolheu em sua casa, há cinco anos. Por mais que ele não quisesse sentir isso, o modo como seus irmãos lhe provocavam em particular atingia o alvo. Cassandra se arrastou para dentro de seu coração vazio, o confundido praticamente diariamente, e fascinando-o sem fim.

Observá-la assim, enquanto segurava novilhos que pesavam quase tanto quanto ela, realmente não ajudava Connor em seu esforço para permanecer indiferente, ele sabia disso. Estar em sua presença era uma espécie de tortura autodestrutiva, mas este já havia sido um dia infernal, e mesmo que secretamente, Connor precisava estar perto da luz de Cassandra. Era malditamente excitante observá-la afundada até os joelhos, no trabalho duro e na vida da Fazenda, o que já era muito ruim. Porém, o pior era que toda vez que ele a via desse jeito, saber que ela nunca poderia ser nada mais para ele do que já era, doía como uma punhalada em suas entranhas. Empregada, um espinho em seu traseiro, e uma querida, querida amiga.

Ela tinha apenas vinte e três anos de idade e nunca deveria vê-lo senão como um amigo. Ela jamais poderia saber dos desejos de base sexual, que ele nutria por ela. Ela teria nojo dele e, mesmo se por algum milagre não tivesse, haveria sempre aquela outra coisa sobre ele que os impediria de ser verdadeiramente íntimos ou próximos.



A coisa demoníaca... o maldito, fodido veneno da sua existência de duzentos anos, o demônio... que era a outra metade do que era Connor Hawkins.

"Merda, essa garota é incrível, não é?" Uma voz amável e risonha falou no ouvido de Connor, arrancando-o de seus pensamentos luxuriosos e inadequados.

Connor desviou seu olhar ao homem grisalho que se esgueirou despercebido até o lado dele. Era Hank Bailey, um dos vários cowboys da Fazenda Hawkins. O homem alto e esguio se balançava para trás nos saltos de suas botas, com os braços cruzados contra seu peito, e ele não estava nem fingindo não estar olhando para Cassandra. Mesmo esse velho vaqueiro não representando absolutamente nenhuma ameaça, Connor teve que reprimir o desejo de lançá-lo contra a parede do celeiro e adverti-lo, com detalhes gráficos, a nunca olhar com admiração para a beleza de Cassandra novamente. Connor teve que esconder o instinto animal que vivia logo abaixo da superfície dentro dele, o que dizia que Cassandra era dele.

"Cassandra faz um bom trabalho." Connor finalmente respondeu, seu tom de voz calmo e baixo. "Ela nunca me deu nenhum motivo para reclamar."

"Agradável aos olhos, também." Hank levantou uma sobrancelha branca e grossa. "Sem falar que é mais doce do que uma madressilva em um minuto e viva e ardente como uma pimenta jalapeño no minuto seguinte. O homem que ficar com ela vai ser um filho da puta sortudo".

"Ela é jovem demais para pensar sobre isso." Connor praticamente rugiu as palavras para Hank. "Ela tem muito para viver, antes que se estabelecer com um homem."

Hank deslizou um olhar astuto para Connor que fez seu sangue gelar. "Então eu acho que é uma coisa boa para ela, que toda a vida que quer experimentar pode ser encontrada aqui nesta terra. Vejo você mais tarde, patrão". Hank deslizou as mãos nos bolsos e começou a caminhar em direção ao cercado.

"Espere um minuto!" Connor sussurrou furioso, quando ele alcançou a Hank. "Que diabos você quer dizer? Ela tem uma queda por um dos trabalhadores?" Connor sabia que Cassie via Hank como um tipo de pai substituto e por isso poderia confiar algo importante como uma paixão para ele. "O que ela disse a você?"



"Nem uma maldita coisa". Hank subiu em cima da cerca e drapejou seus braços sobre o degrau superior. "Eu apenas tenho olhos na minha cabeça, que podem ver uma coisa ou duas, patrão." Hank não deu nem mais um grama de atenção a Connor, como era devido a um chefe durão como Connor, em vez disso mudando seu foco para a jovem mulher de joelhos na sujeira.

"Ei, garotinha." Hank chamou Cassie, "Eu acabei de trabalhar com os cavalos de Cain hoje. Você está pronta para uma pausa?"

Cassie olhou para cima, virando os olhos do mais puro verde que Connor já tinha visto até os dois. Aqueles olhos tinham o poder de sugar imediatamente o ar diretamente de seus pulmões, e então rapidamente encher seu pênis com sangue. Ele se mexeu contra o cercado e utilizou um dos postes para cobrir seu pênis que engrossava rapidamente.

"Você sempre consegue ler minha mente, Hank." Cassie sorriu. "Eu estarei pronta para terminar em pouco tempo." Limpou a testa com a manga de sua camisa jeans e entregou um dos novilhos castrados, antes de assumir a tarefa de segurar outro bezerro pelos lados. "Afinal, temos que nos arrumar para uma festa de Halloween esta noite." Seu olhar deslizou para Connor e parou. "Ou seja, se todo mundo for?"

Connor não confundiu o olhar penetrante como sendo para Hank. "Vamos ver, Cassandra." Cristo, ele não poderia evitar a necessidade que vivia dentro dele de fazê-la feliz quando podia. "Eu vou pensar nisso".

"Você se divertiria, Connor." Cassie prometeu. Ela resmungou, enquanto lutava para segurar o animal em seus braços, porém ela conseguia realizar múltiplas tarefas como ninguém que ele já tivesse conhecido. Ela segurou firme, enquanto o animal lutava para que seu outro irmão, Caleb, cortasse fora suas partes, e ainda conseguiu manter seu olhar fixo em Connor. "Eu vou me assegurar que você não fique mofando em um canto sozinho. Eu vou até dançar com você a noite toda, se você me quiser. Basta dizer que virá".

"Sim, Con." Caleb deu um sorriso rápido sobre o ombro para Connor. "Diga que você irá."



"Cale-se, Caleb." Connor olhou para seu irmão, mas só viu suas costas. Levou sua atenção de volta para Cassandra, encontrou seu olhar aberto e esperando por ele, e murmurou: "Tudo bem, eu *provavelmente* irei."

"Viu, Caleb, eu disse que ele o faria." Cassie irrompeu em um sorriso enorme e contagiante que poderia ter iluminado o céu inteiro de Montana, se ainda não fosse dia. Ela direcionou seu sorriso para Connor, e o acertou na virilha, deixando-o mais duro do que jamais estivera antes.

Ele murmurou algo sobre ter trabalho a fazer e caiu fora de lá, antes que um de seus dois segredos fosse descoberto.

E era assim que ele malditamente desejava Cassandra Claire.



Connor foi atraído para a janela aberta em seu quarto, incapaz de negar o puxão que Cassandra evocava nele, mesmo com duas centenas de metros de terra e do muro da frente de sua casa entre eles. Sem medo de ser visto e encontrado, ele poderia olhar para ela com o coração aberto. Sem ter que se esconder dos olhares curiosos dos outros, ele poderia beber de sua beleza rara, real, algo único que não exigia maquiagem ou um corte de cabelo caro para enfeitá-la. Ele poderia admirá-la, sem o terror de alguém perceber. Ele poderia saciar a dor que Cassandra provocava em seu pênis sem se preocupar se seria visto, e seu segredo revelado.

Connor era capaz de admiti-lo, pelo menos para si mesmo. Ele estava enfeitiçado. Era mais do que o rosto e o corpo de Cassandra que inflamava sua paixão, embora em sua mente, isso já era o bastante. Era também o riso rico e gutural, levado pela brisa fresca e leve até sua janela e que penetrava em sua alma. Ameaçava seu controle, agitando a fome antiga demais para ser plenamente humana, algo com que ele lutou por toda a sua vida. Era o fato de que ela era incrivelmente inteligente e articulada quando tinha algo importante a dizer, ao mesmo tempo, totalmente capaz de relaxar seu vocabulário e modos a fim de tornar os homens menos



educados que trabalhavam na Fazenda Hawkins, se sentirem completamente à vontade ao seu redor. Era o jeito que ela tomava a zombaria de bom caráter dos cowboys da velha escola e respondia com igual fervor, os tornando todos escravos do seu encanto honesto, tanto quanto Connor era.

Havia tantas coisas sobre essa jovem mulher que fazia com que Connor sonhasse com uma possível vida em conjunto, que no fundo sabia que nunca poderia ser. Era o fato de que ela parecia se *encaixar* neste pequeno mundo que ele e seus irmãos tinham esculpido para si mesmos, que o fazia desejá-la tanto, de várias maneiras possíveis.

Risos irromperam perto do cercado, atraindo a atenção de Connor de volta para o presente. Cassandra não estava mais ajoelhada segurando o bezerro, na verdade, não havia ninguém. Todos haviam se reunido em um pequeno círculo fora do curral. Cassandra tinha seu braço em torno de Hank, sua a testa enterrada em seu ombro. Seu corpo tremia todo, e ela segurava seu estômago com a mão. Connor só conseguia pensar que Caleb tinha dito uma de suas histórias de rodeio ridiculamente atrevida, embelezando-a desnecessariamente com piadas de banheiro da forma que apenas Caleb podia.

A pura felicidade de Cassandra atingiu diretamente as entranhas de Connor e, em seguida moveu-se para baixo rapidamente em direção ao seu pênis já totalmente ereto. Ele imaginou ser aquele que Cassandra abraçava perto do cercado, aquele perto do qual ela relaxava sem inibição ou medo, que era as suas costas que ela acariciava até deixá-lo trêmulo de desejo, completamente sob seu poder. Cristo, ele a desejava tanto, e era em momentos como estes, que mesmo o seu alardeado controle não era páreo para o que seu corpo precisava.

Era demais. Ele estava duro demais para ignorar a dor ou para falar até se acalmar. Ele precisava, só desta vez, fechar os olhos e relaxar.

Connor cambaleou até o banheiro com as pernas instáveis, seu pênis pressionando tão duro contra o interior do seu jeans que não podia ficar em pé direito. Ele puxou a camisa de cowboy, o estalido dos fechos soando alto na caverna do banheiro grande e frio. Ele arrancou a peça de algodão de seus ombros, deixando-a cair no chão, esquecida. Ele se atrapalhou com a



fivela do cinto, suas mãos desajeitadas na pressa, e empurrou o seu jeans e roupa íntima para baixo até os quadris, apenas o suficiente para saltar seu pênis sem dor.

Sua ereção pesada e grossa ergueu-se contra o seu estômago, implorando alívio. Ele já estava vazando um rio de pré-sêmen, mas ele apertou um bocado de creme hidratante sem perfume na palma da mão de qualquer jeito e envolveu o punho em torno de seu pau, certo de que ele precisava estar escorregadio para a tarefa. Ele precisava gozar. Rápido. Ele estendeu a mão e se apoiou contra a parede sobre a banheira, sustentando seu corpo com o braço duro sobre a peça de porcelana, e começou a esfregar.

Connor gemeu baixo em sua garganta conforme a sensação básica e pecaminosa o atingia em cheio. Ele arrastava a mão para cima e para baixo por seu pênis túrgido, trabalhando em seu pênis até que pulsasse, animado com vida. Seu membro inchou dolorosamente em sua mão, e sua fenda chorou lágrimas grossas de prazer. A tensão familiar rolou sobre os músculos de Connor, e ele soube que estava perto. Ele não fingiu ignorar a razão. Cassandra. Ele a desejava tão desesperadamente que a sua mente enganou seu corpo fazendo-o pensar que era a sua mão capaz acariciando-o, que era Cassandra de joelhos diante dele tentando fazê-lo gozar.

A imaginação de Connor era boa. Muito boa. Ele arrastou o seu pênis com uma mão dura e largou a parede para brincar com suas bolas, da maneira que ele imaginava Cassandra fazendo. Não demorou muito para que a força sexual sombria agitando-se dentro dele simplesmente se tornou força sombria, e pronta. O demônio dentro de Connor, o pedaço odiado que era na verdade um companheiro para o homem apenas humano que ele queria ser, forçava seu caminho para fora com garras e assumia o controle. O demônio precisava reivindicar a liberação sexual para si próprio, e tanto quanto Connor nunca quis ver essa desprezível parte de si mesmo, era demasiado poderosa para controlar durante os espasmos de extrema paixão e emoção, algo que pensar em Cassandra enquanto se masturbava, definitivamente trazia à tona.

Connor lutou contra as mudanças pressionando para sair do seu corpo, tentou se acalmar e enviar o demônio embora desapontado. Qualquer outro dia, ele poderia ter tido uma chance de sucesso. Hoje, seus pensamentos sobre Cassandra estavam muito próximos à



superfície, e os sentimentos que ela arrancava para fora de seu próprio ser eram demasiado poderosos para suprimir. Ele ia perder essa batalha para o demônio, ele podia sentir, e não havia nenhuma maldita coisa que ele pudesse fazer para impedi-lo de sair.

Connor lamentou através da dor quando a mudança aconteceu, muito perdido no meio de sua necessidade de atingir o orgasmo para sufocar a dor da mágoa que cortava seu corpo conforme o demônio empurrava através de sua pele. Ele rasgou o seu caminho para fora, empurrando a imagem de Connor Hawkins para o segundo plano de sua própria vida. A coluna de Connor cresceu primeiro, empurrando contra a carne em suas costas, criando um exoesqueleto rígido e instável a partir da base do crânio até o cóccix. Aconteceu tudo de uma vez e em questão de segundos, mas Connor sentia cada mudança de seu corpo de demônio cobrar seu preço, através de sua carne humana sensível. Desde os ossos malares desafiantes exageradamente cortantes, à testa saliente Neanderthal que forjava uma prateleira profunda sobre seus olhos escuros, até os chifres que se cravavam através de seu crânio, num piscar de olhos Connor viveu a dor cortante da mudança.

Até que finalmente a imagem de Hawkins Connor, o homem, não existia mais, e apenas o demônio permanecia.

Era insuportável sentir o demônio emergir, mas mesmo assim, Connor não poderia se libertar da agonia de sua necessidade de Cassandra. Ele não poderia tirar a imagem dela lutando com um novilho de sua cabeça. Foi emocionante, sabendo o poder que ela tinha em seu corpo ágil. Tudo o que Connor podia ver era Cassandra enroscada em volta *dele* na cama, lutando de uma maneira totalmente diferente. Foi tão real que realmente pode sentir os músculos das coxas lustrosas apertarem seus quadris e segurarem firme para a cavalgada da vida dela. Em sua cabeça, podia ouvi-la gritando sua libertação conforme ele lhe dava exatamente o que precisava. A imagem foi tão aguda que seu pênis experimentou realmente a pulsação da pequena vagina apertada de Cassandra que o segurava como um punho ao redor de seu pênis, ordenhando-o de tudo o que ele tinha.



Era mais fantasia do que Connor poderia lidar, e com as necessidades sexuais do demônio bem vivas na superfície, Connor perdeu o pouco controle que tinha. Suas bolas pesadas encolheram-se insuportavelmente apertadas entre as pernas, quase dolorosamente, e depois tudo acabou. Ele fechou o punho em torno de sua ereção, uivando como um animal ferido, quando a liberação o dominou. O sêmen foi expelido de seu pênis, uma chuva de esperma dentro da banheira, esvaziando o seu corpo de tudo o que possuía. Ele estremeceu e gemeu, imaginando-se no único lugar que ele queria estar, no interior dela. A imagem era tão real que seu pênis tremeu em sua mão, e ele gozou novamente, o nome de Cassandra um grito de prazer nos lábios...



"Você ouviu isso?" Cassie inclinou a cabeça para o lado e arrebitou a orelha para cima. "Eu pensei ter ouvido alguém dizer o meu nome."

"Pensamento positivo, eu poderia imaginar." Caleb murmurou sob sua respiração.

Cassie estreitou seu olhar até ao seu irmão de criação. "O que foi?" Ela levantou uma sobrancelha cor de mogno. "Eu acho que não ouvi."

O sorriso torto Caleb que lhe deu era positivamente indulgente, e Cassie sentiu o rosto formigar com o calor.

"Você sabe que quer ir encontrar Connor, para ver se ele realmente irá à festa esta noite." disse Caleb. "Então por que você não vai fazer isso e pára de fingir que está fazendo isso porque quer investigar algum ruído misterioso."

"Fico tão feliz por ter a sua bênção." Cassie mordeu sua língua firmemente para não sorrir. "Você gostaria de outorgar mais sabedoria em minha pequena mente impressionável, antes de eu ir tomar um banho e me trocar, oh-sultão-de-todas-as-coisas-românticas?"

"Não romântico." Caleb piscou. "Não eu. Eu não ousaria".



"Oh, certo". Cassie plantou a mão em seu quadril e fez uma pose exagerada. "Você é o irmão mulherengo. Eu acho que se eu quiser conselhos sobre a minha vida amorosa, devo falar com Cain".

"Não." Caleb sacudiu a cabeça, todo o brilho provocador em seus olhos, de repente, desapareceu. "No fundo, eu não acho que ele é o irmão que você deve procurar para isso. Agora vá tomar banho e se trocar para a festa." Ele mudou o assunto tão rapidamente como tinha começado, e até mesmo deu um tapa em seu traseiro, brincando. "Vá em frente. Eu não posso esperar para vê-la em sua fantasia."

Com isso, Caleb caminhou em direção ao celeiro, deixando Cassie de pé no cercado, perguntando-se se ela se atrevia esperar que Caleb estivesse dizendo o que ela desesperadamente desejava.

Caleb poderia saber como ela se sentia sobre Connor? Mais do que isso, ele estava tentando dizer-lhe para ir em frente?

Cassie esfregou a parte de trás do seu pescoço quando aquele sentimento estranho tomou conta dela outra vez, que tinha estado com ela, desde que acordou daquele sonho esta manhã. O sono havia escapado após seu sonho. Ela precisava de consolo e buscou o conforto de seu pai para derramar seus segredos, e era quase como se em cada pequeno evento que se seguiu, estivesse lhe dizendo para confiar em seu coração e ir em frente. Agora parecia que Caleb estava guiando-a nessa direção também.

Cassie acreditava em confiar em seus instintos. No momento, ele estava lhe dizendo que era hora de se arriscar com Connor.



Capítulo Três

18:20 h

Connor balançou a cabeça com aversão, odiando a imagem de sua parte demônio hoje, tanto quanto odiava todas as vezes que havia sido forçado a vê-la em sua vida. Ele nunca tinha estado confortável neste corpo, e odiava ainda mais a crueldade que existia no mundo demoníaco que tinha abandonado na adolescência. Ele não estava interessado em atormentar os seres humanos ou fazê-los acreditar que estavam ficando loucos por vê-lo neste corpo grotesco, e definitivamente não iria viver nesse mundo escuro e subversivo com sua espécie de demônio e muitos outros, juntamente com indivíduos que se divertiam com a perspectiva de fazer exatamente isso.

Porém, odiava uma coisa mais do que tudo isso. Ele odiava que houvesse momentos em sua vida nos quais não podia controlar e suprimir o demônio que vivia dentro dele. Havia vezes, como hoje, que não podia manter afastada esta metade vergonhosa de seu ser. Infelizmente, um momento de paixão extrema, era um deles. Apenas o pensamento de estar com Cassandra trazia à tona desejos lascivos em Connor como em nenhuma outra ocasião de sua vida, tornando quase impossível manter o demônio calmo.

Ele estudou o rosto feio diante dele, com um sorriso de desprezo por sua ferocidade. O fato de que estava olhando no espelho e o rosto era o seu próprio não o tornava mais clemente com seus olhos negros proibitivos, ossos molares exagerados e desagradáveis sulcos que faziam sua testa sentar pesada sobre seus olhos. Sem levar em conta os chifres pretos de cinco centímetros que não podiam ser escondido pelo cabelo preto e grosso, ou a espinha instável que praticamente dividia suas costas pela metade. Coloque tudo em um corpo musculoso de 1,96 m, e sabia que era uma imagem, que nem mesmo uma mãe poderia amar.

Por outro lado, Connor não precisava se preocupar com isso. Ele nunca teve uma mãe amorosa.



Connor era o produto de um par de demônios Dastetier apaixonados. Foi uma sorte ridícula com a qual lutou e pela qual amaldiçoou cada dia de seus duzentos anos de vida. Ele realmente desprezava ser um demônio, e sonhou a vida com o dia em que poderia não ser mais um demônio. Connor tinha tentado um monte de coisas em suas duas centenas de anos, mas nada o cativou mais completamente, do que administrar uma Fazenda. Ele adorava tudo sobre isso, desde o gado, aos cheiros, aos longos dias cansativos, até as recompensas que viriam de trabalhar até a exaustão. Inferno, Connor não se importava sequer em ser lancetado ocasionalmente pelo touro traçoeiro, que ainda tinha seus chifres. Ele tinha uma cicatriz ou duas para mostrar o trabalho árduo. Levou quase tudo o que um corpo tinha para dar, e ainda mais, mas Connor adorava com todo o seu ser. A única coisa que poderia melhorar seria ter Cassandra como sua parceira, em todos os sentidos.

Connor deslizou seus jeans de volta e fechou-os, mas deixou o botão aberto. Ele zombou de si mesmo no espelho do banheiro de novo, odiando-se por desejar coisas que nunca poderia ter. O reflexo de seu rosto demoníaco torceu feio para ele, zombando dele e de seu desejo de ser humano.

Mas Cristo, ele desejava poder. Para ter uma chance com Cassandra, Connor faria qualquer coisa. *Quase*. Ele olhou para seu rosto feio e rezou pelo impossível.

A porta foi repentinamente escancarada e enchendo o seu espaço estava a resposta das orações de Connor. Cassandra. E meu Deus, mesmo estando toda empoeirada e mal-humorada, após um dia de trabalho duro, ela estava linda.

"Oh! Sinto muito. Eu não sabia que você estava aqui. Oh, meu Deus..." Cassie tropeçou ao retroceder para o batente da porta, os olhos arregalados de horror. Seu olhar fixou-se na face de Connor. Sua face demoníaca.

Merda.

"Eu posso explicar." Connor começou. Ele agarrou sua camisa do chão do banheiro e meteu os braços nas mangas para cobrir, pelo menos, suas costas.



"O que... que..." Cassie cobriu a boca, sua mão tremendo quando seus dedos tocaram seus lábios. "Connor?" Os olhos verdes de alguma forma ficaram ainda maiores.

O medo derramava-se por cada poro de Cassandra. Connor pode sentir e ver, mesmo a partir de um metro de distância. Medo dele. A dor cortou o âmago de Connor.

Ele estendeu a mão, e Cassandra se encolheu para longe de seu toque. Seu olhar deslocou-se para o corredor, em direção à saída. Ela olhou para ele, lançando os olhos para trás e para frente. Em um instante, ela disparou.

Connor também.

Ele pulou e agarrou-a. Apoiando-a na porta, bloqueou sua fuga. Ela lutou contra o agarre de suas mãos em torno de seus braços, mas ele não podia deixá-la ir. Ele não podia suportar o tremor que sentia correndo pelo corpo dela.

"Por favor". Connor ouviu a aspereza de sua própria voz, mas não conseguiu corrigi-lo. "Não tenha medo. Por favor." Mil maneiras de explicar o que ele era, corriam pela mente de Connor, mas ele não poderia forçar mesmo uma delas a passar pelos lábios. Ele teria de dizer a palavra "demônio" a Cassandra, dizer em voz alta, quando ele mal conseguia dizer a palavra para si mesmo. Ele abriu a boca, mas tudo o que foi continuava saindo era. "Sou eu, eu prometo. Sou eu".

De repente, o olhar de Cassie suavizou, e a selvageria apagou-se de seus olhos. Ela inclinou a cabeça para o lado.

"Oh, eu entendi. É maquilagem." Timidamente, ela estendeu a mão e tocou levemente com as pontas de seus dedos sobre seus molares cortantes e sobre a testa protuberante. Um arrepio de desejo percorreu o corpo aquecido de Connor. "É isso, não é?." perguntou ela. "É como uma fantasia. Você decidiu ir à festa de Halloween hoje à noite, não é?"

Ao ouvir essas palavras, o alívio inundou Connor. Ela não entendia que seu rosto era real. Ele não precisava lhe dizer nada. Graças a Deus pelo Halloween. Caso contrário, sua estupidez absoluta de não trancar a porta, teria permitido que Cassie descobrisse exatamente o que era.



"Sim". Connor evadiu com uma mentira deslavada. "Estou indo para a festa."

As bochechas de Cassie coraram.

"Eu me sinto como um idiota, por não perceber isso imediatamente." Ela continuou seu traçar seu rosto com um toque extraordinariamente macio, e Connor deslizou os olhos fechados, para que ela não visse a fome assustadora e antinatural que vivia dentro dele. Fome por ela. "Você deveria ter dito algo no cercado, Connor. Você me assustou como o inferno fora de mim, quando eu entrei e vi você assim. Eu pensei que você fosse um demônio, ou o diabo, ou Deus sabe o quê. Mas isso... isso é fantástico. Esta maquilagem está surpreendente. Você deve ter estado planejando ir à festa o tempo todo. Não adianta tentar me dizer, que você sabia como fazer isso tudo sozinho. Eu não acredito em você."

"Não." Ele praticamente grunhiu a palavra. Seu toque era uma tortura delicada. "Eu não tentarei."

Cassie inocentemente esfregou o polegar sobre seus lábios, e Connor sabia que não poderia agüentar mais. Ele agarrou os pulsos, as palmas de suas mãos aqueceram apenas com o toque de sua pele. Ele deliberadamente a colocou um passo longe dele. Era a única maneira pela qual seria capaz de limpar a cabeça de seu aroma terroso e feminino o suficiente para pensar e respirar.

"Então?" Ela pressionou-lhe. "Diga-me, quando você inventou isso."

A suposição errada de Cassie deu a Connor uma trégua, e ele não estava disposto a desperdiçá-la, antes que ela começasse a pensar sobre isso um pouco mais profundo e descobrisse a verdade. Ele precisava que ela fosse embora. *Agora*. "Pare de me irritar, Cassandra, ou vou mudar de idéia sobre ir à festa. Dê-me cinco minutos para trocar de roupa, e o chuveiro é seu."

"Não, não. Não se apresse por minha causa." Cassie recuou até a porta, os olhos brilhando com muita risada maliciosa para o conforto de Connor. Mas Cristo, ele preferia suportar a provocação qualquer dia da semana, ao invés do medo que tinha visto há momentos



atrás. "Tome todo o tempo que precisar para se arrumar todo bonito e perfeito para esta noite. Vou usar o banheiro no térreo."

Connor sentiu sua inundação de rosto com calor em que ela provocando. Bonito realmente. Agradeça Deus por ela....

"Você tem meia hora. Não se atrase." alertou. "Ou nós vamos sair sem você."

"Não, vocês não vão." Ela voltou para o corredor. "Mas eu estarei pronta de qualquer maneira. E Connor?"

Ele simplesmente levantou uma sobrancelha e cruzou os braços contra o peito.

"A maquilagem está realmente espetacular." disse ela. "Quem mostrou como fazê-la é um artista. Você está..." Ela inclinou a cabeça, movimentando sua longa trança cor de mogno, sobre seu ombro. "... De tirar o fôlego. Sim, essa é a palavra que eu queria. Vemo-nos daqui a pouco." Com isso, ela acenou e desapareceu.

Connor amaldiçoou Cassandra e a exuberância que tinha permitido que ela rebolesse seu caminho em cada parte de sua vida, sempre empurrando e forçando-o fora do lugar rígido no qual ele sabia que precisava estar. Connor não sabia o que o havia perturbado mais. Que Cassandra tivesse visto o que realmente era, ou que, quando ela viu, ela disse as palavras "*de tirar o fôlego*" em relação a ele. Pela primeira vez desde que se conheceram, Connor tinha detectado calor sexual em seu tom. O que o aterrorizava ainda mais, do que Cassandra ver seu rosto demoníaco era que, se essa atração que ele havia percebido nela estivesse direcionada a ele, ele não estava certo de ser capaz de combatê-la.



Capítulo Quatro

Cassie deu uma última olhada em sua aparência espelho, corando por todo o caminho da pele parcialmente exposta, enquanto olhava o decote praticamente inexistente. Ela usava um vestido branco de Deusa Grega com um decote que mergulhava até a cintura e uma saia diáfana aberta por todo o comprimento da parte externa de cada uma das coxas.

Ela nunca usava roupas sensuais como esta. Ela amava a vida aqui na fazenda e tinha se adaptado a ela como um besouro às costas de um pato, quando veio morar com seu pai. Ela havia vivido quase exclusivamente em jeans e camisas de botões de pressão desde esse dia, o tempo todo tentando provar para Connor Hawkins, que ela poderia se adaptar ao seu mundo, sem causar nem um soluço em sua vida organizada.

Porque ela, Cassie Claire, moleca extraordinária, desde o primeiro momento em que colocou os olhos em Connor, sempre o achou um homem atraente. Essa paixão se transformou em completo *amor*, no dia em que ele a levou para sua casa.

O pai de Cassie havia sido o capataz da Fazenda Hawkins por cinco anos antes de morrer. Ela foi morar com ele quando tinha dezesseis anos, depois que sua mãe morreu em um acidente de automóvel. Durante os dois anos que Cassie passou com ele, lhe ensinou a amar essa abundante terra de Montana, com tanta paixão como ele fazia. O entusiasmo de fala suave de seu pai pela Fazenda Hawkins afundou até os ossos de Cassie rapidamente, e ela tinha apenas começado a encontrar alguma paz após a perda de sua mãe, quando, num piscar de olhos, seu mundo inteiro implodiu novamente.

Dois dias após ela completar dezoito anos de idade, seu pai morreu subitamente de um ataque cardíaco enquanto recolhia o gado, deixando Cassie se recuperando da dor devastadora e debilitante de perder os seus pais em um período de dois anos. Antes que Cassie pudesse mesmo pensar sobre como ela iria viver e cuidar de si mesma pelo resto de sua vida, Connor, com seu jeito rude, tinha chegado e arrebatado-a da pequena cabana onde ela vivia com seu pai. Ele não disse muita coisa, – ele nunca dizia – ao invés disso guiou-a com uma mão suave em



seu cotovelo até sua casa. Ele a ajudou a lidar com o funeral, com a péssima tarefa de escolher uma lápide para o túmulo de seu pai, e pagou por tudo isso sem sequer mencionar uma palavra sobre o assunto.

O apoio financeiro e um lugar para viver tinham sido uma dádiva generosa, mas não foi por isso que Cassie se apaixonou por Connor. Ela era uma garota razoável o suficiente para ser grata por esse tipo de assistência e não perder seu coração para ele. Em vez disso, Connor roubou seu coração, sem sequer tentar, da forma mais simples e elementar. Nesse primeiro ano tumultuado, vivendo com ele e seus irmãos, Cassie chegou a contar com Connor a presença estável, constante e livre de drama enquanto lidava com a dor de sua perda e encontrava seu lugar em um novo lar. Quando ela precisava estar perto de outra pessoa para se sentir segura, era sempre Connor quem estava por perto, permitindo a Cassie manter sua dignidade por não comentar sobre a sua necessidade desesperada por contato humano. Ele sempre contava histórias maravilhosas sobre seu pai. Ele não a protegia da fonte de sua dor, e depois de um tempo, a voz de Connor e as histórias começaram a aliviar e curar seu coração ferido. Cassie provavelmente amava Connor ainda mais porque, embora ele tivesse encontrado um lugar para ela na Fazenda Hawkins, nunca a fazia se sentir como um caso de caridade ou um fardo. A partir da primeira semana, ele a puxou para fora do seu isolamento e deu-lhe tarefas na fazenda que a faziam sentir-se útil e necessária. Ele não a insultava fazendo-a realizar apenas "trabalho de mulher." Às vezes eles eram, e ela não se importava porque sabia que, facilmente, no dia seguinte ou na semana seguinte, ele lhe daria um trabalho que sobrecarregaria seus músculos e deixaria suas mãos sujas, como a castração do gado hoje.

Era por isso que Cassie amava Connor Hawkins. Era por isso, que ela queria que ele parasse de vê-la como uma adolescente que precisava de sua presença calma, e começasse a vê-la como uma mulher que poderia estar ao seu lado como igual, em todos os sentidos.

Cassie olhou para sua aparência, mais uma vez e sorriu. Ela podia não ser um perfeito tamanho 40 - ou mesmo um 42 -, mas o que ela tinha estava em forma devido ao trabalho duro,



e ela era bonita o suficiente de uma maneira simples e organizada que, tinha que acreditar, um homem como Connor apreciaria.

Se ao menos ela conseguisse que ele não apenas olhasse, mas *reparasse*. Com seu sonho poderoso desta manhã cedo ainda sentado na frente e no centro de seus pensamentos, Cassie cruzou dedos e desceu as escadas.



19:10 h

"Então, é por isso que você está indo para a festa de Halloween assim?" Caleb perguntou. Sua gargalhada acabou com o resquício de paciência de Connor. "Porque Cassie acha que seu rosto de demônio é uma fantasia de Halloween? Isso é rico, Con, verdadeiramente rico."

"Cale a boca." rosnou Connor, sua face demoníaca bronzeada retorcida, os lábios pressionados em uma linha dura e cruel. Era fácil para Caleb rir, ele vestiu seu velho colete de rodeio, perneiras, e fivela de campeão, e chamou de fantasia. Cain não se preocupou em vestir uma fantasia. Esse tinha sido o plano original de Connor também. Ele esfregou as palmas das mãos suadas sobre a calça jeans e começou a andar. Cristo, como odiava se sentir exposto em seu corpo de demônio. "Ela me viu e fez suposições. Eu não podia corrigi-la, podia? Então agora eu tenho que viver com essa pele e face miserável durante o próximo par de horas, ou então enfrentar as questões sobre de onde foi parar minha maquiagem."

Connor às vezes odiava ter irmãos. Embora Cain e Caleb não fossem irmãos reais de Connor. Claro, eles não eram tecnicamente humanos, também. Cain e Caleb foram expulsos do mundo dos demônios também. A espécie de Cain era diferente da de Connor e de Caleb, mas o isolamento e a solidão que experimentava era a mesma. Cain era um demônio da espécie Naverto, um animal de vôo. Caleb, como Connor, era um Dastetier, da espécie original de



demônio. Como três desajustados que não desejavam ser o que eram, eles encontraram um ao outro, cerca de cento e cinquenta anos atrás, nas mais pobres ruas de Londres e tornaram-se irmãos e amigos desde então.

"Eu não posso contar para ela." Connor fixou um olhar duro sobre Cain. "Nem você pode. Isso iria deixá-la doente, virá-la-ia contra nós."

"Talvez não." Caleb interrompeu.

Connor ignorou. "Ela deixaria a fazenda, sem um lugar para ir ou uma forma de sobreviver."

"Ela ficaria bem." insistiu Caleb, o que atingiu Connor como uma faca em seu peito. "É você que não ficaria bem sem Cassie aqui. Admita-o."

"Eu não admito nada."

"Admitir o quê?" Perguntou uma melodiosa voz feminina da soleira da porta.

Connor girou, e conforme as vaías e assobios de seus irmãos assaltavam suas orelhas, ele avaliou a visão diante dele. Cassandra, mas ao mesmo tempo, não. Seios firmes e atrevidos espreitando a partir do decote de um vestido branco esvoaçante que acentuava sua pele dourada. Tinha fendas que subiam por ambas as pernas que, a partir de sua posição, ele podia ver que iam *até o final*, ele podia ver a pele macia de seu quadril e mais além. Ele perguntou-se rapidamente se ela não estava usando nada sob o lençol glorioso. Tudo o que parecia prender a peça de vestuário em conjunto era uma banda larga dourada ao redor de sua cintura. Seu cabelo estava afastado do rosto, com uma tiara de brotos de rosas brancas e o restante caía sobre seus ombros, onda após onda de um glorioso marrom brilhante. Este era o resultado natural de sempre usar seus longos cabelos trançados, e fez a boca de Connor salivar.

Havia apenas uma coisa que ele podia dizer. "Que diabos você pensa que está vestindo?"

Cassie sorriu, e ele sentiu o sorriso agitar todo seu corpo, terminando em seu membro. "Uma fantasia de Halloween."



De jeito nenhum. De nenhuma maldita maneira, qualquer outro homem iria ver Cassandra assim. "Não uma fantasia que você vestirá fora de casa esta noite, querida. Vá se trocar. Agora".

"Não em sua vida."

Connor levantou uma sobrancelha, e com as saliências na testa, ele sabia que parecia ameaçador. Ele realmente não dava à mínima. "Não me obedeça, e ele pode muito bem ser na sua vida."

Caleb entrou em cena entre os dois. "Ok". Ele lançou um olhar duro na direção de Connor. "Vamos logo para essa festa, antes que percamos toda a comida boa. Tudo bem?"

Connor entrou direto no campo de visão de Caleb. "Não com ela vestida desse jeito."

"De que jeito?" Caleb perguntou. "Linda? Atordoante? Como pelo menos 25 outras mulheres vão estar hoje à noite, que é sexy como o inferno em um traje completamente adequado para alguém de sua idade e sexo?"

"Obrigado, Caleb." Cassie saltou detrás deles.

Caleb se inclinou para perto de Connor e manteve sua voz baixa. "A menos que seu objetivo seja parecer um marido ciumento e reivindicar essa menina para si mesmo - que não representa nenhum problema para mim, por falar nisso - então você precisa dar um tempo antes de se entregar."

Connor recuou e encontrou o olhar de seu irmão. Ele viu a verdade ali, sentiu-a em suas entranhas. Ele rosnou novamente, acrescentando, "Está bem". Passou empurrando Caleb e, em seguida, por Cassie também, odiando a forma que seu corpo traidor quase se virou em direção a ela, como se fosse a luz de um farol brilhando na escuridão de sua alma. Ele passou no apertado espaço, entre ela e o corredor. "Vamos." ele latiu por cima do ombro. "São vocês que querem tanto ir para essa maldita festa. Vamos embora".

Cassie esperou Cain seguir Connor primeiro, e depois parou Caleb com uma mão em seu antebraço. "Obrigada." Ela apertou seu braço. Ela não sabia mais o que dizer. "Muito obrigada".



O olhar azul oceano de Caleb pousou sobre o dela. "Você deu um grande passo hoje, Cassie. Não faça me arrepender de ajudá-la. Não o provoque se você não estiver levando a sério. Ele não tem estrutura para passar por algo assim. Você me entende?"

Cassie fechou a boca. "Sim." Ela engoliu em seco, o medo e inadequação revestindo de repente a sua pele exposta de uma fina camada de suor. "Sim".

"Bom". Caleb sorriu. "Então vamos lá."

Cassie estava aturdida demais, para fazer outra coisa senão seguir.



Capítulo Cinco

21:15 h

Connor se recostou contra a parede da sala na casa de Mavis Pritchard, a proprietária do restaurante local. Aos sessenta e cinco anos, ela adorava Halloween tanto quanto uma criança de cinco anos de idade. Ela era um turbilhão de mulher, e planejou um inferno de uma festa. Pena que Connor não estava no estado de espírito para desfrutar dela.

"Olhe para aquele bastardo flertando com ela." Connor disse a Caleb. Seu instinto protetor natural o fez ondular as mãos em punhos e puxar seu lábio superior e despir os dentes. "Ele está tomando liberdades, pelas quais eu terei que quebrar os braços dele."

O olhar de Caleb encontrou Cassie na sala escura lotada. Ela estava dançando com um rapaz que trabalhava em uma das fazendas vizinhas.

"Ele tem as mãos na cintura dela, Connor." disse Caleb. "É uma posição perfeitamente admissível para duas pessoas dançando juntas."

"Talvez, mas ele está pensando em tocar a bunda dela, eu sei." Ele examinou de parede a parede a multidão de foliões brilhantemente vestidos, fantasiados, todos fazendo barulho e se divertindo. "Ele quer tocar-lhe, caramba. Assim como todos os outros paus juvenis que dançaram com ela esta noite quiseram fazer."

"Bem, então por que você não a convida para dançar?" Caleb sugeriu. Ele tomou um gole de cerveja antes de acrescentar em voz baixa. "Dessa forma o seu pau ligeiramente menos juvenil, será o único próximo o suficiente para tocá-la."

"Ligeiramente?" Connor aspirou. "Tente idoso, comparado a ela. Pode me chamar de louco, mas eu não acho que Cassie cederia à minha atenção geriátrica. Não se souber a verdade."

"Não use isso como desculpa." Caleb cortou, sua voz mais gelada do que Connor jamais ouviu. "Você sabe que nós não envelhecemos da mesma maneira que um ser humano. Cassie



acredita que esteja na metade dos trinta, porque essa é a idade física do seu corpo humano. Não aja como se você estivesse velho demais para ela, quando a simples verdade é que você está com muito medo de agir sobre o que você está sentindo. Você sabe que existe uma cura para o que somos. Talvez a cura já viva dentro de Cassie. Pense sobre isso."

"Não."

"Tudo bem. Então fique aqui chocando e segurando a parede toda a noite." Caleb deu um tapa no ombro de Connor, duro o suficiente para fazê-lo tropeçar. "Enquanto isso, eu vou me divertir. Talvez convidar uma garota bonita para dançar. Vejo você mais tarde".

Connor observou seu irmão atravessar a sala e levar uma mulher atraente vestida com roupas de médica para a pista de dança. No entanto, seu olhar naturalmente deslizou de volta para Cassandra, como sempre fazia. Ele a observou jogar a cabeça para trás e rir de algo que o jovem garanhão, com o qual ela estava dançando, disse. O sangue esquentou imediatamente nas veias de Connor e ele sabia que era puro, puro ciúme. Tudo parecia mais elevado e bruto hoje, e ter o demônio na superfície de seu ser, apenas o impulsionava e tornava seu sentimento possessivo muito mais agudo. Naquele momento, Connor soube que era necessário escapar. Se ele tivesse que ficar mais cinco minutos assistindo a outro homem tocar Cassandra, estar perto dela enquanto ele não estava, Connor acabaria agindo de acordo com a reputação de seus demônios antecessores e começar a rasgar cabeças com as mãos nuas.

Ninguém precisava ver um banho de sangue desse tipo, porque uma vez que Connor começasse, seria muito provável que ele não fosse capaz de parar até que todo o homem que pôs ao menos um dedo em Cassandra, estivesse morto.



Cassie observou Connor abrir caminho pela sala lotada até um longo corredor, e imaginou o que tinha colocado uma expressão tão tensa e dura em seu rosto. Não que ela pudesse ver muito sob toda sua maquilagem, mas ela tinha observado Connor o suficiente



durante anos para saber que, quando seus olhos se tornavam monotonamente negros como ela tinha acabado de testemunhar, alguma coisa estava errada. Algo o havia aborrecido. Algo que ele, aparentemente, não queria que ninguém soubesse. Bem, não havia tempo melhor do que essa noite para começar a se livrar desses muros entre eles. Era melhor ele se preparar para começar a compartilhar.

"Com licença". Ela se afastou de seu parceiro, Luke, um rapaz que ela conhecia desde o ginásio. Acontece que ele era um ótimo parceiro de dança, pois ela não precisava se preocupar com o fato dele ficar todo "pegajoso" com ela. Ela era uma das poucas pessoas que sabia que ele preferia homens. "Eu preciso checar uma coisa." Ela sorriu quando se inclinou e beijou seu rosto. "Talvez eu te veja mais tarde?"

"Eu vi quem você estava observando." Luke piscou. "Boa sorte com ele."

Cassie deu uma risadinha. "Obrigada."

Cassie espremeu seu corpo pela multidão de dançarinos e pôde apenas vislumbrar o grande corpo de Connor, quando ele desapareceu em um quarto no final de um longo corredor. Havia grupos de foliões revestindo as paredes corredor e uma pequena linha de pessoas esperando para usar o banheiro, mas Cassie abriu caminho por eles sem qualquer comentário, até que chegou ao final do salão. Respirando profundamente para tomar coragem - sabendo que ela iria instigar Connor de uma maneira que nunca tinha feito antes - Cassie abriu a porta e entrou.

Sua respiração ficou presa quando viu a silhueta de Connor, onde ele apoiava os ombros contra o batente de uma janela, olhando para a noite, iluminado pela luz da lua cheia. Como sempre, sua proximidade a deixou trêmula.

"Vá embora, Cassandra." sua voz ressoou nas sombras, sobressaltando-a.

Ela entrou mais no quarto.

"Como você sabia que era eu?" Ele não havia virado quando ela entrou, nem agora.

"Eu sempre sei quando é você."



"Oh". As suas pernas dela viraram geléia, mas ela conseguiu não oscilar. "Eu vi você sair." ela disse, sua voz suave, em deferência à quietude que se abateu como outra presença na sala. "Eu sei que você realmente não gosta de festas. Eu só queria ter certeza de que estava tudo bem."

"Estou bem." ele prometeu, sua voz dura. Virou-se então, e a monotonia que Cassie havia testemunhado tão brevemente em seus olhos tinha desaparecido. Em seu lugar havia fogo negro. "Fique aqui comigo mais um pouco, Cassandra, e sua comitiva vai começar a se perguntar aonde você foi. Em que decote eles grudarão os olhos, se você não estiver no cômodo?"

"O quê?" As mãos de Cassie foram automaticamente para seus seios. Ela estava muito chocada com o seu comentário para estar ofendida. Uma apalpada rápida em seus tórax lembrou-lhe de que estava tudo exatamente o mesmo. "A comitiva? O decote?"

"Não banque a menina ignorante, Cassandra, eu sei o quanto você é inteligente." O olhar de Connor corria o comprimento de seu corpo e depois voltava, deixando-o arrepiado, e mamilos salientes e duros em seu rastro quente. "Você sabe muito bem que cada homem naquela sala está doendo para empurrar essas duas linhas de tecido para o lado e revelar os encantos que você tão modestamente quase mostrou hoje à noite usando esse vestido. Você, certamente, esteve flertando com homens suficientes para fazer pelo menos alguns deles se perguntarem se seria o escolhido."

Cassie sinceramente duvidava disso. Ela não tinha quase volume na área dos seios para serem notados, sendo essa a única razão pela qual ela podia se safar usando este vestido. Além disso, havia pelo menos uma dúzia de outras mulheres nesta festa que não só eram mais atraentes e mais escassamente vestidas do que ela, mas que também estavam bebendo e flertando com a maioria dos jovens solteiros presentes. Cassie não tinha feito nenhuma dessas coisas, mas era interessante que Connor pensasse o contrário.

Cassie se moveu para mais perto. Ela encurralou Connor entre uma penteadeira, a parede contra a qual estava apoiada, e ela. Ele teria que bater nela se quisesse escapar. Ela



estava apostando no fato de que ele nunca a tocaria com violência. De repente, ela soube que essa era sua única chance de fazer seu sonho realidade. Se ela não fosse corajosa agora, nunca seria.

"Cada homem na sala, Connor?." Ela perguntou. Ela fez algo que ela nunca tinha feito com qualquer homem, muito menos com este. Ela tentou flertar. "Porque, em um momento, você esteve lá também."

O olhar escuro de Connor estreitou-se até virarem fendas. "Não me provoque, garotinha. Eu não sou um daqueles filhotes jovens ansiosos por aí lambendo seus calcanhares. Empurre-me, e você irá obter muito mais do que os beijos que você está querendo agora. Brinque comigo e eu vou te assustar até a morte com o quanto eu te quero e quanto eu vou tomar de você, antes que eu esteja satisfeito."

O corpo inteiro de Cassie tornou-se um inferno furioso, e seu sexo inundou-se com umidade ao ouvir as palavras duras de Connor. Palavras que eram, supostamente, para assustá-la, imaginou. Tudo o que fizeram foi torná-la ansiosa, para saber exatamente o que ele quis dizer.

"E se eu escolher você, Connor?" Ela perguntou, sua voz firme, apesar dos batimentos rápidos em seu peito. "E se eu decidir que é para você que eu quero mostrar meus seios esta noite?"

Cassie observou o olhar de Connor cair sobre o peito, viu seu queixo estalar, quando percebeu que seus mamilos tornaram-se doloridos pontos de sensibilidade esperando para serem tocados. Seu olhar deslizou de volta para ela, que engoliu em seco.

"Então é melhor você estar preparada para abrir suas pernas e ter a foda da sua jovem vida, porque eu não vou estar satisfeito com apenas em olhar, Cassandra." Ela jurou que seus olhos negros escureceram ainda mais. "Eu vou querer tocar, tomar, e marcar. Eu não vou parar, até você absolutamente não agüentar mais. Sinceramente, eu não tenho certeza de ser capaz de parar então."



Com essa declaração crua cujo objetivo, ela tinha certeza, era mandá-la correr para um lugar seguro, Cassie aproveitou a sua abertura pela qual esperou cinco anos. Ela estendeu a mão, empurrou o tecido pregueado nos ombros para baixo os braços, e despiu os seios para Connor.

Ele deu um passo para frente, mas pareceu pensar melhor e se moveu de volta contra a parede.

"Você tortura um animal selvagem, menina doce, e não vai escapar sem ter um pouco de seu próprio sangue derramado." Ele não a olhava nos olhos, e o desprezo apunhalou em igual partes o amor e a irritação de Cassie. "Ponha sua roupa de volta, Cassandra. Vá embora, antes que você se arrependa das escolhas impulsivas que fez esta noite."

Cassie deixou a parte de cima do vestido pendurado a partir de sua cintura, como suspensórios, e, em seguida, fez o movimento que Connor não parecia disposto a fazer. Ela se estendeu e abriu o primeiro botão de pressão da camisa preta. Com uma fome que nunca tinha experimentado antes, ela viu seu pomo de Adão sacudir convulsivamente em sua garganta. Ela nunca quis nada tanto quanto queria que Connor Hawkins fizesse amor com ela e acalmasse a constante necessidade por ele entre suas pernas.

"Eu acho que é você quem tem arrependimentos." ela disse, enquanto estalava outro botão, revelando um punhado de pêlos finos que cobriam seu peito. Ela estava tão perto que podia sentir o calor dele invadindo seu espaço e aumentando a temperatura na sala alguns consideráveis graus. "Eu acho que você se arrepende de admitir que me deseja."

"Desejo você?" Connor rosnou. Ele fechou a pequena distância entre eles, não parando até que seus corpos moldavam ao outro, como uma segunda pele. Ele agarrou um braço em torno de sua cintura, girando enquanto a apanhava, e colocava-a sobre a penteadeira. Ele empurrou a volumosa saia de seu vestido até suas coxas, até que se agrupou em torno de sua cintura, expondo apenas a calcinha branca. Ele a rasgou ao meio na virilha, como se fosse nada mais do que papel e empurrou o elástico até a cintura para se agrupar com o resto do tecido lá.

Ela se sentiu absolutamente lasciva e completamente exposta.



"Estou mais duro do que já estive em toda a minha vida, Cassandra." Os dedos de Connor cavaram em suas coxas. Ele estendeu a mão e agarrou a mão dela, fazendo-a sentir a crista espessa e quente em seu jeans. "E eu não sei se apenas entrar em seu pequeno e apertado corpo, vai ser o suficiente para me acalmar."

Ela acariciou seu pênis através de seu jeans, amando quando ele apertou os olhos fechados e inclinou-se para firmar-se contra a vaidade. "Connor?." Ela sussurrou roucamente.

Ele sibilou, quando ela encontrou a cabeça de seu sexo através de seu jeans. "Sim?"

"Eu realmente acho que você deveria ter sexo comigo e fazer uma tentativa."

Connor riu, mas rapidamente se transformou em um gemido. Ele abriu os olhos, e ela quase não conseguia respirar com a intensidade e o fogo ardente que viu lá.

"Cristo Bendito, eu estou absolutamente certo de que você vai ser a minha morte." disse ele com uma agitação de sua cabeça. "Justamente por isso, eu absolutamente não posso parar o que começamos esta noite."

Cassie abriu o restante dos botões da camisa de Connor e empurrou-a para fora de seus ombros. Ela correu as mãos por todo o torso e estômago duro e esculpido, cujo calor queimava as palmas das suas mãos. Ela não conseguia parar de tocá-lo e foi mais para baixo até que os dedos engancharam sobre a pressão de seu jeans.

"Então não pare." disse ela, e abriu a braguilha. Os dentes de metal suspiraram na escuridão conforme o zíper abria. A mão dele cobriu a dela e, juntos, eles empurraram o seu jeans e roupa íntima abaixo de seus quadris. Seu pênis rígido projetava-se grosso, vermelho e longo, e a fenda na ponta já apresentava uma gota perolada de pré-sêmen.

Connor olhou para ela então, mas seu olhar deslizou de seu rosto ao espelho atrás dela, e seus olhos se tornaram monótonos novamente.

"Esta maquilagem..." Seu olhar deixou o espelho e voltou para ela. "Não a assuste estar tão perto de mim desse jeito, fazendo o que estamos prestes a fazer?"

Ela estendeu a mão e tocou os molares acentuados e os cumes ásperos que traçavam a testa.



"Eu conheço você verdadeiramente." disse ela com um sorriso gentil. "Nada sobre você jamais me assustaria. O coração que bate dentro de seu peito é bonito, não importa a fantasia que você use."

Suas pernas foram afastadas de repente e enganchadas na borda da penteadeira.

"Você não entende, mas eu sou um bastardo egoísta, que te deseja tanto que dói agora." Ele puxou o corpo dela até a borda do balcão até a sua vagina gotejante estava quase pairando no ar. "Então, eu não vou corrigir seu engano."

"Por favor." implorou. Connor encaixou seu membro nos lábios inchados do sexo dela. Ela estendeu a mão e puxou seu rosto para baixo, pressionando seus lábios contra os dele pela primeira vez. Ele se agarrou lá, e ela sentiu a respiração contra a sua boca. Contra a boca aberta dele, ela sussurrou: "Vá em frente, Connor. Eu preciso de você. Agora".

Ele mordeu os lábios dela e apertou seus quadris, e com um rugido que reverberou através de seu corpo até o dela, ele empurrou o pênis no fundo de seu canal, e a abriu em dois.

Connor ficou imediatamente imóvel dentro de Cassandra, percebendo o dano irreversível que sua paixão imprudente havia causado.



Capítulo Seis

Connor não podia acreditar no que tinha acabado de fazer. O que Cassandra tinha permitido que ele fizesse. Seu pênis latejante foi envolvido no mais apertado, mais quente, mais dolorosamente maravilhoso casulo, que ele já tinha sido bem-vindas para penetrar. Seu eixo gritou para que ele se movesse, possuísse, *sentisse*, mas era tudo o que podia fazer para não sacudir a mulher à sua frente e exigir saber que loucura ela havia causado essa noite.

Com um controle que nunca havia exercido antes, Connor não penetrou no confortável canal de Cassandra até o cabo e não se derramou dentro de seu corpo, como o peso em seus testículos gritava para que fizesse. Em vez disso, ele prendeu a cabeça no agarre de suas mãos e forçou os lábios para longe dela. Com uma medida de espaço entre elas, procurou em seu olhar verde grama por embustes, ou pior, dor. Que iria matá-lo. Como sempre, a empolgação pela vida presente no brilho dos olhos de Cassandra o distraiu, cegou-o para qualquer outra coisa, deixando um mistério que ele não sabia como desvendar.

"Por que você não me disse que nunca havia estado com outro?." Ele perguntou, odiando que suas palavras expusessem a crueza que estava sentindo por dentro, pelo menos para si mesmo. Ele rapidamente regrediu para seu padrão de discurso mais formal, sinal de que suas emoções estavam se derramando fora de controle. Era uma forma de falar que ele desprezava ouvir, assim como detestava perder o controle. Cassandra tinha um jeito de se esfregar no seu controle até que estalava, todo o tempo. "Por que você não me disse que..." Ele resmungou, quando ela mexeu os quadris e a fricção deliciosa deslizou ao longo do comprimento de seu pênis enterrado. "Por que você não me disse que seu corpo era inexperiente?"

"Eu sabia que você não faria se eu lhe dissesse." Ela deslizou as mãos pelos cabelos dele alisando seus chifres, como se fossem algo que ela via brotar de sua cabeça todos os dias. Nada jamais sentiu tão bom ou direito, nem mesmo seu sexo escorregadio e apertado que abrigava o



pênis dele. O conforto gentil dos dedos que corriam através de seu cabelo e vinham descansar em sua nuca fez Connor estremecer.

"Eu não queria que você se controlasse, Connor." Ela puxou a cabeça e apertou os lábios contra os dele, e Connor reprimiu um soluço que ameaçava sair do peito e expor sua fraqueza. "Eu não quero que você recue. Sim, é novo para mim, mas eu não estou machucada. Eu juro. "Ela empurrou contra o seu eixo com seus quadris novamente. "Por favor".

Connor se deixou levar pela maré. Ele já não tinha forças para segurar a cabeça acima da água. Ele agarrou seu traseiro macio, segurando-a no lugar, quando ele começou a se mover. Seu pênis cantou com alegria, quando empurrou até o fim no calor acolhedor de Cassandra até que seus pêlos pubianos emaranharam-se contra o monte de cachos escuros dela. Silenciosamente, seu ego gritou com tanto prazer, conforme seu canal pulsava ao redor dele, fazendo sua boca formar um pequeno 'O' quando ela arfou em resposta a essa nova sensação de ser invadida por um homem.

Ele olhou para cima, de onde seus corpos estavam unidos, e encontrou o olhar dela.

"Cassandra, eu não poderia me separar de você agora, por todo o ouro do mundo." Então, Connor deslizou para trás e começou a dança que lentamente os deixaria loucos.



Cassandra estava perdendo sua sanidade rápido demais. Até agora, seu sexo só tinha conhecido o prazer dos próprios dedos. Ter Connor dentro dela, esticando sua vagina sensível, era o suficiente para deixá-la levemente louca. Era muito mais pessoal do que qualquer coisa que poderia ter sonhado.

Connor bombeou seu pênis dentro e fora dela em golpes profundos e firmes, e cada deslize contra as paredes de seu sexo irradiava estremecimentos de consciência, através de todas as terminações nervosas de seu corpo.



"Connor... Eu nunca soube que poderia ser tão bom." Ela apoiou as mãos contra o topo da penteadeira e ergueu os quadris no ritmo de seus impulsos. Ela apertou os olhos fechados e apertou seus dentes juntos, quando ele, de repente, começou a bombear rápida e duramente para dentro e para fora meia dúzia de vezes, direcionando as necessidades de seu corpo em milhares de direções diferentes de uma maneira que ela não sabia como lidar.

"Você não viu nem a metade ainda, menina." ele prometeu, os olhos tão brilhantes de luxúria e desejo que quase a assustou.

Ela empurrou seus quadris para cima e tomou todo o seu membro rígido em seu corpo. "Eu não sou uma menina".

Connor esfaqueou voltando ao mesmo tempo, empurrando tão profundamente que cutucou seu núcleo.

"Tem razão." ele sussurrou, sua voz rouca e áspera. "Você não é."

Ele se movimentou para baixo fechou a boca sobre seu peito, e todos os pensamentos de medo voaram para fora da mente de Cassie, a fim de dar espaço para o que Connor a obrigava a sentir. Ele lavou e lambeu sua carne como um homem faminto, e isso foi mais do que suficiente para fazê-la começar a gemer prazer. Ele chupou o mamilo distendido profundamente em sua boca, puxando e esticando conforme ele mordida a ponta extremamente sensível. Ela se atirou para longe da mesa diretamente para seus braços.

Ele moldou as pernas dela em torno de sua cintura e cambaleou para trás, o jeans ao redor de suas coxas impedindo seu passo. Virou-se então, grunhindo quando colidiu em outra peça de mobiliário. Antes que Cassie pudesse processar que era uma cama, suas costas bateram sobre o tecido fresco da colcha, e Connor a empurrava profundamente no colchão macio, com a força de seus impulsos.

"Oh Deus." Ela puxou seu cabelo freneticamente. "Isso foi tão bom. Faça novamente."

"Faça o que novamente?" Ele afastou o agarre dela de seu cabelo e se moveu para cima até que seu rosto estava logo acima dela. Ele se inclinou e deslizou seus lábios sobre os dela, separando-os com toques persuasivos até que ela não teve escolha, a não ser abrir. Sua língua se



afundou dentro e, em seguida, puxou para trás, uma e outra vez, o seu ritmo perfeitamente alinhado com os impulsos e puxões de seu pênis, conforme ele invadia os lábios inferiores. Ele diminuiu o ritmo da posse da boca e do corpo dela, até que finalmente parou. Ele arquejou acima dela, sua respiração quente formigando contra a boca inchada, mantendo-a viva com a sensação tátil.

"Dê-me as palavras, Cassandra." As costas dos seus dedos escorregaram sobre seus mamilos, trazendo-lhes à vida. "Diga-me o que você quer que eu faça."

Ela inclinou-se para cima e capturou a boca dele, empurrando entre a costura dos lábios, até que ela estava dentro. Ela rodou a língua em torno da dele e chupou seu comprimento protuberante, arrancando um rosnado e uma batida no colchão, enquanto ele empurrava dentro de seu corpo.

"Você não vai me intimidar com coisas desse tipo." disse ela corajosamente, sentindo-se mais poderosa do que nunca em sua vida, mesmo quando estava presa a uma cama, sendo tomada por um homem que poderiam esmagar a vida fora dela, sem derramar uma gota de suor. Ela se sentia no controle, e cada centímetro do corpo dela gritava que estava viva. "Você não vai me assustar com sugestões chocantes ou pedidos."

Connor deslizou sua mão entre seus corpos e esfregou sobre os lábios inchados do sexo, onde eles se esticavam para acomodar o pênis, fazendo-a tremer. "Então me diga o que você quer que eu faça para você." Ele afastou a mão de onde os corpos deles se encontravam e trouxe-a à boca. Ele olhou para ela, e lambeu o brilho da umidade que revestia seus dedos. Ele bebeu de sua essência, e ela nunca se sentira mais excitada por nada em sua vida. Seu olhar escureceu, enquanto chupava seus dedos. "Eu não vou fazer mais nada, até que você me diga as palavras."

"Foda-me, Connor."

Sua vagina gritou de volta à vida, quando ele imediatamente cumpriu.

Ele começou o ritmo constante, insano, alucinante para dentro e para fora de seu canal ganancioso novamente. "O que mais?"



"Nada, por enquanto." Cassie mordeu seu lábio, quando uma pequena série de sensações pulsantes irradiava a partir de seu sexo até seu estômago, como uma corda em um brinquedo de puxar. "Oh Deus." ela gemeu, enquanto terminações nervosas quentes como fogo a esfolavam viva. "Eu nunca soube que poderia ser tão bom assim. Por favor, Connor, por favor. Nunca. Pare."

Ele rangeu os dentes acima dela.

"Não há chance de isso acontecer."

Ele abriu as pernas dela e as afastou para fora até que ela quase ficou parecendo um T maiúsculo de cabeça para baixo. A mudança na posição fez seu sexo pulsar e convulsionar, e seu corpo o apertou de uma maneira que se sentia surpreendentemente diferente do que antes. Ele não retardou o ritmo do sexo, nem um pouco.

"O que mais?"

Ela pegou seus pequenos seios na concha de suas mãos e ofereceu a ele. "Ponha a boca em mim." Ele inclinou a cabeça para baixo e beijou o declive interno de seu seio. "Não me provoque, Connor. Chupe meus mamilos. Morda-me. Eu quero ser marcada por você."

"Bom Cristo." ele amaldiçoou, quase violentamente. "Você me excita como ninguém."

Seu rugido ecoou por todo o corpo dela, mas atormentou ainda mais o mamilo onde estava preso no calor úmido de sua boca. Ele mamava vorazmente, alternando entre morder a ponta do seio e acalmar com sua língua, mandando arrepios de desejo e necessidade diretamente para seu canal, que tremia ao redor de seu pênis mergulhado. Ela estava quase pronta para pedir-lhe para parar, confessar que não poderia suportar mais, quando ele se moveu para o outro seio para fazer o mesmo. Seus dedos agarraram-se ao mamilo molhado abandonado e brincou apenas o suficiente para mantê-la no limite do que seu corpo era capaz de experimentar.

Então, ele quebrou sua própria regra e a tocou sem suas palavras de orientação. Ele deslizou a mão para baixo por seu ventre e, através dos cachos dela, e empurrou o dedo médio



até o início de sua racha onde o clitóris estava esticado orgulhoso e duro, esperando apenas um último toque. Ele deu-lhe sem ela ter que pedir.

A almofada do dedo brusco de Connor abrasou a ponta do clitóris de Cassie, e cada sensação caótica correndo pelo comprimento de seu corpo puxou com tanta força que beirava a dor. Ele empurrou outro dedo através de seus ninhos úmidos, para se juntar ao primeiro e apertou-lhe a ingurgitada protuberância de carne entre os dedos fortes. O aperto insano enrolando dentro dela estalou de repente, fragmentando em um milhão de pedaços de prazer ardente e luz.

"Oh, sim... sim... Connor. Eu acho que estou gozando. Oh Deus, você está dentro de mim, e eu estou gozando..." Cassie mexeu-se desajeitadamente contra a haste empalando sua carne, quando as paredes de seu sexo apertavam e liberavam, apertavam e liberavam. Inúmeras vezes seus músculos se contraíram enquanto cada terminação nervosa em contato com a carne de Connor explodia com vida.

Ela trancou as pernas em torno da cintura dele e segurou firme, quando seus impulsos tornaram-se erráticos e fragmentados. Ela se colocou debaixo do braço dele para segurar em suas costas ondulantes encharcadas de suor, determinada a não deixar que ele se afastasse quando perdesse completamente o controle.



Connor sentiu os dedos suaves de Cassandra correr ao longo da cordilheira espinhosa que dividia suas costas, e seu toque sobre as terminações nervosas ultra sensíveis acabou com o pequeno controle que possuía. De forma brusca pegou o corpo flexível dela e se ajoelhou, curvando-a de modo que seu corpo ficasse com metade para fora da cama, conforme manipulava seu núcleo sobre a dureza de seu pênis, sem delicadeza ou calma. Seu corpo estava arqueado em oferecimento, sua cabeça inclinada para trás e equilibrada sobre a cama. Seus rígidos mamilos apontavam para o teto, e nenhuma outra imagem já havia sido tão



agonizantemente carnal e inocente ao mesmo tempo em todos os duzentos anos de vida de Connor. Suas bolas encolheram-se dolorosamente apertadas, e ele sabia que estava tudo acabado para ele.

"Cassandra, Cassandra..." Ele puxou os quadris dela contra ele e lançou-se até o fim dentro de seu calor apertado, pela última vez. Ele jogou a cabeça para trás e rugiu o seu prazer conforme seu orgasmo esguichava através de seu pênis enterrado, jorrando seu esperma em tremores e convulsões intermináveis, dentro do útero de Cassandra.

Eventualmente, suavemente, ele abaixou Cassandra de volta para a cama, seu membro semi-rígido deslizando fora de seu corpo conforme fazia. Por longos minutos depois, era tudo o que podia fazer apenas para respirar. Ele olhou para a mulher deitada à sua frente, o vestido ainda agrupado em torno de seu estômago, uma superfície plana de carne macia que levantava e abaixava com respirações profundas e difíceis. Ele sobriamente supôs que ela parecia estar tão afetada pela sua união como ele.

Maldição, ela era uma virgem. Isso era tudo o que a cabeça de Connor podia processar. Isso, e um sentimento forte de posse, que ele não podia acreditar, agora era ainda mais forte do que antes. Ele tinha sido o único a tê-la. Cassandra entregou-se a ele.

Ele não podia deixar passar o que eles tinham feito como se nada fosse. Não estava em seu DNA ir embora.

Connor se levantou e colocou seu jeans. Ele estendeu a mão e agarrou sua camisa, deslizando os braços pelas mangas. Ele olhou para ela e declarou: "Há apenas uma coisa que nós podemos fazer agora." Ele a viu arquear uma sobrancelha para ele, quando colocava a parte de cima do vestido de volta no lugar. Isso não o intimidou. Ele terminou o seu pensamento. "Nós estaremos casados o mais rápido possível."



Capítulo Sete

"Me desculpe?!" Cassie gritou enquanto lutava para sair da cama. Ela tinha acabado de descer do o mais alteradoras de mente, de uma ótima sensação – o momento mais glorioso de sua vida – mas subitamente ela sentiu um peso enorme sentado em seu peito, sufocando-a. "O que você acabou de dizer?"

"Você me ouviu." Olhos de Connor estavam fixos por cima do ombro dela enquanto ele falava, deliberadamente não encontrando seu olhar de uma forma que congelou seu sangue. Um arrepio passou por Cassie, arrepiando a pele de seus braços. "Você fez uma escolha que tem conseqüências, Cassandra. Iremos nos casar. Este fim de semana, se eu puder liberar o meu horário e providenciar."

Se ele pudesse providenciar isso? *Se ele pudesse providenciar!*

O que deveria ter sido uma cena criada para estourar o coração de Cassie e fazê-lo transbordar - na verdade, ela tinha sonhado com isso muitas vezes - na realidade, sentia como o momento mais frio em sua vida. "Por quê? Porque eu era virgem?"

"Eu respeitava muito o seu pai, Cassandra." Connor disse ao invés de responder diretamente. "Eu não vou copular com sua filha inocente, sem fazer a coisa certa para todas as partes envolvidas".

"Copular? Inocente?" Cassie imitou, sua mente voando em centenas de direções diferentes. Agora, nenhum delas inclinada a perdoar a condição nobre e arrogante de Connor Hawkins. Sua mágoa foi colocada de lado pelo orgulho e mostrou-se em sua face. "Bem, talvez você devesse ter me falado sobre esse plano antes de me foder. A noite teria terminado de forma muito diferente se eu soubesse como você se tornaria um homem arcaico, ao encarar minha virgindade."

Ele deu um passo em sua direção. "Cassandra..."

"Não." ela o interrompeu enquanto recuava até a porta. "Escute-me. Eu tenho vinte e três anos de idade. Eu sou uma mulher madura, assim como eu era trinta minutos *antes* de fazer



sexo com você." O traseiro dela bateu na porta, e ela alcançou atrás para virar a maçaneta. "Eu não preciso ser mimada e cuidada, e eu certamente não preciso amarrar-me a um homem que só quer se casar comigo, por que a culpa de ter empurrado o pênis na vagina da filha de seu amigo, iria corroê-lo por dentro de outra forma."

Connor deu um grande passo em sua direção. "Não se afaste de mim."

"Eu farei tudo, o que diabo, eu quiser!" Cassie arrancou a porta aberta e correu antes que Connor pudesse emitir outra ordem.

"Cassandra!"

Connor saltou para a porta que bateu em seu rosto. Ele empurrou-a aberta para a festa, ainda a todo vapor lá fora. Ele empurrou passando por grupos de pessoas aglomeradas no salão, indiferente a quão feroz ele devia estar parecendo agora. Para todos que podiam vê-lo, ele estava em chamas com furor e raiva, em busca de sangue. Isso é o que parecia a todos ao seu redor. Essa era a única maneira que Connor sabia para processar e compartimentalizar a rejeição de sua seca proposta de casamento à Cassandra. Ele queria matar e ferir e mutilar, porque ele não sabia chorar e lamentar sobre o fato danoso que ela tinha fugido.

Uma mão de repente disparou e agarrou seu braço, forçando-o a parar. Ele girou para bater em quem tinha sido estúpido o suficiente para interferir, e encontrou Caleb com um punho puxado para trás pronto para atacá-lo primeiro, se necessário.

Connor sacudiu a mão de seu irmão, se libertando.

"Afasto-se, Caleb. Eu a estou perdendo. Eu tenho que ir."

"Sim, eu acabei de vê-la. Ela passou por mim em chamas, xingando uma tempestade, com lágrimas escorrendo por sua face."

"Porra." Connor amaldiçoou, quando um punho de dor apertou seu peito. "Nós... algo aconteceu entre nós". Sentiu seu rosto aquecer com a memória. "Eu disse a ela que nós casaríamos. Talvez eu tenha feito desajeitadamente".

"Talvez?" Caleb repetiu secamente.



"Cale a boca. Eu não queria fazê-la chorar. Devo encontrá-la, antes que ela vá embora. Se ela estiver chateada, não quero que ela dirija."

"Enviei Cain atrás dela." Caleb disse-lhe, suas maneiras tão calmas, como as de Connor estavam frenéticas. "Você, meu amigo, precisa se acalmar, antes de fazer algo mais que arruíne a única chance que você tem de se tornar humano. Temos apenas mais algumas horas e, em seguida a oportunidade vai embora de novo por muitos anos."

"Não fale comigo sobre isso." Connor empurrou Caleb contra a parede com uma mão em seu peito. "Cain já tentou. Eu nunca vou dizer-lhe o que eu sou." Seu estômago se agitava só em pensar sobre o assunto. "Eu não posso."

"Então, você pretende se casar com ela e nunca lhe dizer que você é um demônio?" Caleb perguntou. "Você pretende enganá-la e deixá-la acreditar que você é humano? Todo o tempo, sabendo que com essa mentira, que você nunca será capaz de lhe dar um filho? Essa decisão é uma crueldade com ela, Con, e você sabe disso. "

"Eu não tenho escolha." A voz de Connor estava nua. "Dizer-lhe é correr o risco que ela sinta repugnância. É correr o risco de perdê-la para sempre. Eu não vou perdê-la, Caleb. Em duzentos anos de apenas existindo, ela é a única que já me fez sentir vivo. Ela é a única que se meteu sob a minha pele, que até me fez questionar se é possível para um demônio possuir um coração que pode amar."

"É possível, e agora você sabe disso. Mas Connor, eu acredito que Cassie pode lhe dar a humanidade que você deseja. Acredito que ela possui os sentimentos que tornam isso possível, mas você deve dizer-lhe. Caso contrário, ela não pode fazer o que for necessário. Ela não pode beber..."

Connor bateu a mão na boca de Caleb. "Nem mesmo o diga. Não me atormente, com algo que eu não posso deixar acontecer".

Caleb forçou a mão de Connor para longe de sua boca. "Não *quer* deixar acontecer." Seus olhos azuis eram pedras de gelo de decepção. "Hoje é Halloween..."



O telefone celular de Caleb vibrou para a vida no bolso, cortando sua palestra iminente. "Deve ser Cain." Ele abriu a tampa do telefone e colocá-la ao seu ouvido. "Sim?"

Connor esperou em silêncio absoluto, cada nervo em seu corpo atento. Esperando. À espera de ouvir sobre Cassandra.

Caleb fechou o telefone e colocou de volta no bolso. "Eles estão a caminho de casa." disse ele, e Connor começou a respirar novamente. "Luke deu-lhes uma carona."

Connor começou a se mover em direção à saída. "Luke." perguntou sobre o seu ombro, enquanto eles faziam o caminho para fora. "Você quer dizer o bastardo que queria agarrar o traseiro dela, enquanto eles dançavam?"

Caleb deu uma risadinha. "Não era isso o que estava acontecendo, Con, mas sim, esse Luke".

Connor rosnou. "Você não sabe ler as pessoas como eu. É por isso que você não viu, mas eu sei."

"Sim." Caleb murmurou baixinho. "Através dos olhos que estão cegos pelo amor, não existe ninguém que veja de forma tão clara como você."

Connor não deixou de perceber o sarcasmo. "Cale a boca e entre na caminhonete." ele ordenou, enquanto escorregava atrás do volante "Ou então eu vou embora sem você."

Caleb decidiu deixar Connor ter paz durante o retorno para casa, antes de ele começar o segundo tempo.



22:30 h

Connor e Caleb entraram através da porta dos fundos. Ele abriu a porta da cozinha e encontrou Cain bebendo uma xícara de café. Sozinho.



"Onde ela está?" Connor exigiu, enquanto examinava a sala, como se por milagre Cassandra fosse aparecer se ele apenas procurasse bastante.

"Relaxe, irmão." Cain atirou-lhe um olhar divertido. "Ela está lá em cima mudando suas roupas, e furiosa. Eu ouvi a porta do quarto bater, e eu tenho certeza que ouvi a fechadura também."

Cain virou-se para Caleb e continuou. "Desde que este aqui está um pouco no limite também." ele apontou com o polegar na direção de Connor. "Pode não ser uma coisa má. Nada de café para ele, enquanto esperamos para ver se Cassie esfria um pouco, hein"

"Não." Caleb concordou, movendo-se para bloquear a cafeteira. "Agora é hora de conversar." Ele acomodou-se contra o balcão, cruzou os braços contra o peito, e Connor sabia que a conversa que vinha temendo não ia ser adiada por mais tempo.

Connor fechou os olhos, mas sabia que seus irmãos o estavam observando. Inclinou-se para frente e apoiou o seu peso contra a mesa para a estabilidade, e em poucos segundos as cristas em sua testa alisaram-se até tornarem-se simples linhas de preocupação, os chifres retraíram-se em seu crânio, e seus malaras, embora ainda impressionante, tornaram-se muito menos exagerados. Não podia ser visto sob a camisa, mas sua espinha foi sugada de volta para seu corpo, onde supostamente devia estar e deixou suas costas lisas, com apenas músculo novamente. Um homem duramente esculpido, todavia interessante, permaneceu depois do demônio.

"Graças a Deus acabou". Connor começou a andar pela cozinha com passos deliberados. "Eu não poderia usar aquele rosto e corpo por mais cinco minutos."

Cain sorriu na direção de Connor. "Mas você conseguiu viver com ele, o tempo suficiente para fazer amor com Cassie."

Connor parou bruscamente, e foi elevando-se sobre Cain em dois passos. "Ela falou sobre que aconteceu entre nós?"

"Não mesmo." Cain respondeu. "Mas ela se parece muito bem, como alguém que tem feito amor, isso é certo."



Caleb entrou na linha de fogo novamente. "Ainda há tempo para isso acontecer de novo, Con. Diga-lhe que você é um demônio. Diga-lhe do ritual que vai torná-lo humano. É o que você sempre quis, e Cassie pode dar a você. Diga-lhe a verdade."

"Não." Olhos escuros de Connor brilharam com fogo.

"Sim." insistiu Cain, o rosto ficando severo de repente. "Você não sabe o quão afortunado é por ter esta oportunidade, Connor. Cassie é completamente obcecada por você, qualquer idiota pode ver isso. O destino permitiu que sua relação se alterasse hoje à noite. A escolha pode mudar ainda mais. Eu poderia me apaixonar um dia, e alguém poder sentir o mesmo por mim. Mas, todo o amor do mundo não vai me dar esta oportunidade que você recebeu."

"Você não sabe disso." protestou Connor, seu coração quebrando por Cain. "Seus sentimentos podem mudar um dia."

"Não." O olhar de Cain escureceu até ficar azul com o mais profundo oceano. "Isso não vai acontecer. Mas você, você foi amigo de Cassie durante anos. Não há dúvida de que o coração dela é verdadeiro. Ela pode fazer o demônio vivendo dentro de seu corpo desaparecer, para sempre. Você só tem que guiá-la na direção certa."

"Você faz parecer fácil." sussurrou Connor.

"É fácil." Cain respondeu.

"Sim." Connor atacou sarcasticamente. "É *muito* simples. Eu deveria ir até ela e explicar que eu sou um demônio de duzentos anos, que odeia o que é. Devo dizer-lhe que detesto ser um demônio, mas se ela pudesse poupar um minuto para me chupar até que eu goze em sua boca, então isso seria ótimo, porque então haveria uma chance de que eu pudesse me tornar humano. Ah, sim." ele terminou brutalmente "Eu deveria apenas dizer-lhe tudo isso e, certamente, ela irá sorrir e cair de joelhos diante de mim em sinal de gratidão pela oportunidade. Não, ela terá a honra de fazer isso."

"Não seria dessa forma, Con." Caleb repreendeu. "E você sabe disso."



"Como você sabe, Caleb? Connor estalou. Ele ficou cara a cara com Caleb e grunhiu. "Porque você já lhe disse que é um demônio também, e ela apenas riu e sorriu e deu-lhe um grande abraço? É assim que você sabe?"

Cain abriu caminho entre os dois homens e empurrou Connor, afastando-o. "Acalme-se, irmão." Ele colocou sua mão sobre o peito de Connor, para mantê-lo no lugar. "Nós apenas estamos tentando ajudá-lo a conseguir o que quer. Você não tem que dizer a verdade à Cassie imediatamente. Você só precisa guiá-la na direção que precisa que ela vá."



Do corredor, Cassie mal podia respirar através do tumulto das revelações que havia inadvertidamente ouvido. Ouvira cada pedacinho dela também, a partir da avaliação de Cain de que ela parecia uma mulher que tinha sido bem amada. Ela não se importava nem um pouco sobre isso agora. Em vez disso, ouvir sobre as mentiras e decepções dos Hawkins, desde o momento em que ela havia conhecido esses homens, machucou-a profundamente, como a propagação de um hematoma em sua alma. O pior de tudo, porém, era a dor debilitante da traição de Connor.

Ela saiu das sombras e entrou pela porta da cozinha.

"Em que direção Connor precisa me guiar, Cain?" Ela virou o olhar para o homem que ela considerava um irmão. A dor vibrando por ela era grande demais para permitir que Connor visse os olhos molhados dela ainda. Poderia mostrar-lhe demasiado, então, ao invés disso, ela se concentrou em Cain. "Ele deveria colocar-me de joelhos e enfiar minha cara na sua virilha, enquanto ele sorri para mim com a vitória de seu sucesso em me enganar?"

"Cassandra." Era a voz de Connor.

Ele atravessou a cozinha para ela, mas Cassie o segurou com ambos os braços esticados na frente dela como um escudo. Ela não podia acreditar nas coisas que ouvira estes homens dizendo. Não homens, ela se corrigiu quando um arrepio frio desceu por sua espinha,



demônios. Eles eram demônios. A lógica lhe disse para correr. De todos eles, Cain e Caleb também. Absoluta fúria e mágoa mantiveram os pés enraizados no lugar, superando sua confusão e medo. Cada emoção que ela já havia sentido por Connor fervia dentro de sua barriga, e ela não conseguia escondê-las dele por mais tempo. Ela ergueu o olhar para o seu.

"Cassandra, por favor." Connor a alcançou novamente.

"Não, não." Ela recuou quando ele chegou à uma distância que podia tocar nela. Ela não seria capaz suportar seu toque agora. Ela olhou para cima e para baixo com os olhos entreabertos, e determinadamente ignorou a captura que sempre parava o seu coração, quando olhava para seu rosto marcante. "Bem, eu vejo que a sua *maquilagem*..." Jogou os dedos no ar sarcasticamente, indicando aspas em torno dessa palavra. "...foi removida. Mas não era maquilagem mesmo, era?"

"Cassandra, você não ent..."

"Como foi estúpido da minha parte." ela o interrompeu. Ela piscou rapidamente para conter as lágrimas que queriam cair pelo rosto. "Você nunca vai a festas. Por que eu deveria ter pensado que você colocaria fantasia e maquilagem completas para ir a esta? Mas você deixou-me acreditar, não? Você apenas me deixou ficar lá e bancar a idiota, enquanto eu me maravilhava com o fato, e você nunca disse uma palavra para me corrigir."

"Por favor". Ele estendeu a mão para tocá-la, mas ela golpeou sua mão. "Eu não poderia contar para você. Eu não podia arriscar."

"Não, claro que não podia." Cassie enxugou o nariz com as costas da mão furiosamente. "Não com todo o trabalho que você teve para me fazer chegar a este momento." Isso foi o que esmagou seu coração. Isso foi o que atingiu seu peito e arrancou sua alma. Suas mãos começaram a tremer, e ela sentiu os lábios tremendo incontrolavelmente, mas não iria parar até que dissesse tudo. "Quando eu penso em quão incômoda eu devo ter sido, vindo até você todos esses anos, porque..." Ela teve que parar por um momento. Sua garganta estava muito fechada para falar através da dor. "Porque ... porque eu achava que você era minha luz. Eu pensei que você fosse meu conforto, minha razão de querer estar viva depois que meu pai morreu. Eu



pensei que você até parecia gostar quando eu estava por perto, às vezes, também. Mas era apenas um truque."

"Não, Cassandra. Não."

"Sim." A dor se concentrou em sua barriga e quase fez com que se dobrasse. Ela olhou para Connor através de olhos molhados e embaçados. "Você me preparou e tolerou a minha presença para me fazer chegar aqui. Oh, Deus." Sua mão cobriu a boca na tentativa de segurar um pouco da dor debilitante de dentro. "Quando penso em todo o tempo que passamos juntos. Todos nós." Ela voltou o seu olhar não filtrado para os homens de pé no fundo, ouvindo tudo. "Eu pensei que nós fôssemos uma família. Eu me gabava para todos os meus amigos, sobre os irmãos substitutos que me acolheram e me aceitaram como um dos seus. Mas a verdade é que tudo o que vocês fizeram foi mentir para mim. Sobre quem vocês são, o que vocês são, sobre tudo."

"Não."

"Nem tudo".

Cassie ignorou as palavras de Cain e Caleb, voltando ao que tinha arrancado seu do coração.

"Mas você..." Ela apontou um dedo para Connor. Sua voz falhou, e ela teve de começar de novo. "Você segurou minha mão quando eu sofria. Você dormiu com a porta aberta para que você pudesse me ouvir, quando eu sonhei que meu pai estava me perseguindo. Você foi meu tudo, Connor. Você fez todas as coisas certas para me fazer apaixonar completamente por você. Quando eu penso como..." A voz dela quebrou novamente, mas estava decidida, iria dizer tudo. "Quando eu penso como você mal deve ter tolerado a minha determinação obstinada, em estar perto de você."

"Não."

"Você acha que eu posso acreditar em você? Agora?" O tom de Cassie aumentava mais com cada palavra. "Tudo que eu posso ouvir na minha cabeça é você rindo da minha adoração



estúpida e insignificante por você. Como você deve ter detestado a minha presença, mesmo sabendo que você precisava de mim para alcançar seu objetivo."

"Não, Cassandra". Connor estendeu a mão e agarrou seu pulso, marcando-a com seu toque, conforme ela lhe pediu para fazer apenas um curto tempo atrás.

Ela torceu o braço e puxou-o afastando-se antes que sucumbisse novamente. "Não, não." Ela teve que cobrir seus ouvidos ou enlouquecer. "Eu não quero ouvir mais nada de suas mentiras. Eu não posso." Ela ergueu o olhar para o seu, sabendo que cada momento de amor que ela sentiu por ele estava lá, para ele ver, despida para ele, mas não podia esconder mais. "Você não vê?" Ela começou a andar para trás, para longe dele. "Mais uma mentira sua ,certamente vai me matar."

Ela fugiu correndo para as escadas, desesperada para fugir.



Capítulo Oito

Connor não desperdiçou um segundo indeciso, ele estava logo atrás de Cassandra. Ela tinha uma vantagem, e sabia que sua dor a estava empurrando para frente, com uma velocidade incrível. Connor era um homem grande, no entanto, e a dor que testemunhou em seus olhos o impelia a continuar também, por isso não demorou para que a alcançasse.

"Cassandra." ele ordenou, sua voz tão dura, como ele mesmo nunca tinha ouvido.

"Pare!"

"Não!"

Ele subiu as escadas e envolveu a mão em torno de um dos tornozelos dela, antes que pudesse subir mais um degrau. Ela lutava para puxar o pé livre, mas estava determinado e não iria deixá-la ir. Ele simplesmente pegou sua outra perna também. Ele a puxou de volta na direção dele, e ela perdeu o apoio. Connor rapidamente envolveu os braços em volta de sua barriga e peito e suportou a sua queda, cobrindo-a por trás.

A sensação de seu corpo flexível esparramado nos degraus abaixo dele era o céu, como se estivesse destinado a estar lá. Seu pênis imediatamente endureceu à vida e pressionou contra seu jeans, buscando seu contraponto, que estava abrigado diretamente sob sua virilha. Ele gemeu, enquanto inalava sua fragrância fresca, que, quando ele respirava, parecia limpá-lo também. Ela havia se lavado antes de se vestir com calças de moletom e camiseta, mas tudo o que seu corpo queria fazer era unir-se com ela e cobri-la com seu cheiro de novo. Era necessidade sexual na sua forma mais poderosa, e o demônio dentro dele lutava para se mostrar mais uma vez.

"Cassandra". Connor segurou Cassie contra ele, enquanto empurrou contra a limitação de seus braços. "Não lute. Ouça-me. Por favor."

Cassie cobriu o rosto com ambas as mãos e deixou cair à testa na escada acima de seu rosto.



"Por favor." implorou, com a voz abafada por suas mãos. "Eu não quero ser mais enganada. Apenas deixe-me ir."

"Não há mentiras entre nós, eu juro." Connor lutando contra uma vontade terrível de tomar Cassandra novamente. "Eu nunca menti para você sobre nós. Nunca".

Ela virou a cabeça para o lado, então, e Connor foi capaz de ver as lágrimas ainda cobrindo seus olhos como uma película. A visão abalou seu fundamento e fez nascer nele à necessidade de fazer o que quer que fosse necessário, para fazê-la acreditar na verdade.

"Por favor." Agora era a vez de ele mendigar. Ele estendeu a mão e limpou a umidade da bochecha dela. O brilho de suas lágrimas, e o fato de que tinha sido aquele a colocá-las lá, rasgou a sua alma. "Nada entre nós, nunca foi uma mentira. Nossa amizade é real e verdadeira. Você tem que acreditar em mim."

Seu corpo agitou-se embaixo dele, e sabia que ela lutava para conter seu choro silencioso.

"Eu costumava acreditar em cada palavra que você me falava." O canto da boca de Cassie pareceu levantar-se um pouco, e o peito de Connor expandiu-se com esperança renovada. "Mesmo quando você estava me provocando, e Caleb e Cain me diziam para não ser tão cegamente dedicada, eu acreditava que seus gracejos eram um vínculo especial entre nós dois."

"Eles eram. Eles são. Ninguém traz à tona essa parte de mim como você. Isso é especial. Você atrai muitos lados de mim que ninguém consegue, Cassandra. O demônio existe, sim, e eu nunca quis que você soubesse sobre ele, mas o resto do que nós compartilhamos, nada disso é mentira."

Os olhos dela fecharam, e sem a vida brilhando através de seu olhar verde para ele, seu mundo ficou escuro novamente.

"Eu não consigo acreditar em você." ela sussurrou. De repente, ela começou a lutar para fugir de novo. "Eu não sei como. Você mentiu para mim, sobre uma parte tão importante de si



mesmo, que eu não sei o que é real sobre você. Sem confiança e segurança entre nós, não temos nada."

Isso provocou o desespero que vivia dentro de Connor, como nada mais poderia. Ele não aceitaria a derrota sobre a única coisa que sempre quis na vida.

"Não temos mais nada entre nós, você diz?" Ele estendeu a mão entre seus corpos e empurrou o elástico de sua calça para baixo sobre os globos de seu traseiro macio, apenas o suficiente para expô-la a seu toque. Ele deslizou seu dedo brusco entre a abertura, fazendo-a suspirar e remexer-se contra ele. Ele empurrou ainda mais entre as coxas dela até que passou o dedo por suas dobras úmidas e inchadas. "Eu diria que o fato de que você está toda molhada, significa que temos alguma coisa entre nós. Algo que seu corpo não pode negar, mesmo se sua cabeça quiser." Ele empurrou em seu sexo, então, todo o caminho até a segunda junta, e ela inundou-se ainda mais. "Sim, nós temos algo entre nós, minha Cassandra. Algo que não será negado."

Ela ofegou e trabalhou seu corpo contra o dedo enterrado. "Você quer me foder de novo?"

"Sim." confessou ele, a palavra quase um sacramento. Ele acrescentou outro dedo, estendendo seu canal úmido e confortável enquanto imitava o ato sexual que queria fazer com ela até nenhum deles conseguisse andar. "Eu sofro por você. Estou tão duro que dói."

"Então faça isso." Ela plantou os cotovelos em um degrau e a cabeça em outro, e empurrou o traseiro no ar o melhor que podia com o seu moletom apanhado em suas coxas prendendo suas pernas, quase completamente juntas. "Faça-o, Connor. Foda-me. Você vai gostar, eu vou gostar, mas não vai mudar nada."

"Sim..." Ele abriu o zíper de seu jeans e libertou seu pênis furioso. "... irá mudar." Ele a estendeu abrindo-a e empurrou seu pênis para dentro, deslizando através de seu calor apertado centímetro por centímetro lento e desesperadamente, esticando-a em incrementos quase imensuráveis, fazendo-a sentir tudo até que ele estava encerrado pelo punho de sua vagina, até a raiz.



Ela gemeu sob ele, mas revirou os quadris para trás contra ele num pequeno círculo, então ele sabia que ela adorava tê-lo de volta, dentro de seu corpo novamente. Ele descansou os lábios contra a concha de sua orelha e começou a bombardeá-la com sua alma.

"Nós não somos uma mentira, Cassandra." Encolheu as mãos em torno da carne macia dos quadris e segurou-a no lugar enquanto tomava o corpo dela com estocadas delicadamente ternas. "Eu não me importo se você não acredita em nada mais, mas você irá acreditar que eu apreciei cada momento que já passei em sua presença. Por favor." Ele se engasgou com a palavra, quando uma torrente de medo o oprimiu. Ele mordeu-a na orelha e deslizou sua língua para dentro, necessitando acoplar-se com o corpo dela de todas as maneiras que podia. "Por favor, diga que você acredita em mim".

Ela alcançou atrás de si e tocou rosto o rosto dele, e ele quase se derramou na hora. "Eu quero." ela sussurrou entrecortadamente. Trabalhou seus quadris para trás contra o pênis dele em arrancos irregulares, seus movimentos dificultados, assim como os dele. "Deus, como eu quero."

"Então faça." ele pediu. "Por favor..." As palavras se perderam, enquanto o sexo de Cassandra apertava o pênis de Connor com tensão agonizante, ordenhando seu comprimento de uma forma que implorava por uma penetração mais rápida, mais profunda que ele lutava para reprimir. O demônio queria sair, não podia ser retido na agonia da conquista sexual completa.

"Não." Connor amaldiçoou enquanto o gêmeo que não era seu irmão gêmeo, mas sim uma parte de si mesmo, exigia liberdade. "Não agora. Por favor."

Ele rangeu os dentes, quando a necessidade de possuir assumiu, dominando a sua vontade de negar mais uma vez, como sempre fez. Ele não sabia que loucura se apoderou dele e o fez pensar que seria capaz de esconder essa parte de si mesmo de Cassandra, durante a duração do casamento. Ele não sabia que tipo de sonho fantástico lhe permitiu imaginar que poderia controlar o demônio, quando eles estavam tão estreitamente ligados entre si de todas as maneiras.



O suor encharcou a camisa de Connor, quando sua espinha esticou a carne de suas costas e empurrou para fora o corpo do demônio. Uma montanha de cartilagem móvel assumiu sua face, e seus chifres explodiram através do topo do crânio ao mesmo tempo, o expondo como um demônio mais uma vez. Ele quase não notou a dor ardente queimando através de seu corpo, que era uma parte natural da mudança, pois o medo da repulsa de Cassandra assumiu sua mente.

O demônio apareceu rapidamente e exigiu controle. Cassie estremeceu debaixo dele apertou o degrau acima dela, gritando quando o pênis cravou profundamente em sua vagina apertada, esmagando sua carne tenra na escada. Connor segurou seus cabelos no punho fechado e puxou a cabeça dela para trás, torturando a si mesmo, quando viu um lampejo de pânico e medo escurecer-lhe os olhos. O demônio a assustava, ele sabia, mas mesmo assim, ele não podia parar.

Ele alisou a mão trêmula por seu cabelo. "Desculpe-me, desculpe-me." ele sussurrou contra sua têmpora, enquanto o ritmo acelerava em função das necessidades de seu novo corpo. Tomou-a duramente, de uma forma que a fez seu suspirar e gemer debaixo dele. "A paixão sexual força o demônio para fora. Sinto muito. Pensei que fosse capaz de controlá-lo, mas não posso mantê-lo trancado. Eu sinto muito quando estou com você." Seus quadris impulsionavam o membro para dentro e para fora de seu canal molhado, que o sugava uma e outra vez. Ele tomou-a como um animal no cio. Ele odiava não conseguir parar, mesmo quando seu pênis cresceu tão duro que doía. Seus testículos ficaram mais apertados do que jamais ficaram antes, provando-lhe que seu corpo gostava, mesmo que sua mente estivesse envergonhada. "É rude, eu sei. Sinto muito."

Ele jurou que a ouviu sussurrar, "Está tudo bem, Connor, está tudo bem." dizimando o que restava de seu controle, o que restava de sua alma que ainda não pertencia a ela.

"Por favor, me perdoe." ele disse, sua voz gutural quando a liberação tornou-se tudo para ele. Ele se moveu dentro dela uma última vez, triturando-a contra as escadas, implorando desesperadamente: "Perdoe-me por tudo, por favor." O orgasmo rompeu seu corpo com uma



luz branca ofuscante que quase o fez tocar o céu. Quentes fluxos de sêmen esvaziaram seu corpo no dela, infinitos jorros de esperma que agarraram seus músculos e fizeram seu corpo tremer sobre o dela, enquanto encontrava a sua liberação.

Ele enfiou as mãos sob o corpo dela e encontraram o início de sua racha. Ele a abriu e revelou o clitóris, inchado tão grande que tinha certeza de que ela devia estar com dor. Molhou dedos com a umidade que estava em todo o interior das pernas dela e, quando traçou suavemente com seus dedos o número oito, ela começou a agitar-se contra ele conforme os primeiros tremores do orgasmo tomavam conta dela também.

"É isso aí, assim. Não lute, querida." Ele segurou a barriga dela com a palma da sua mão, quando ela tentou se afastar do que estava sentindo.

"Não ... não ... Oh, Deus ..." Ela chegou para trás e agarrou o traseiro dele, cavando as unhas nos músculos, amarrando-o a ela, enquanto seu sexo apertava o pênis com o poder de seu orgasmo. Ela agarrou em sua carne, gritando. "Connor!" E, com satisfação sombria, Connor sabia que ele traria as marcas de sua liberação passional.

O sexo de Cassie agarrou seu membro enterrado em ondas agitadas que não terminavam, e Connor grunhiu, chocado quando seu pênis tremeu dentro da luva apertada de suas dobras e jorrou um outro tiro de sêmen escaldante profundamente no corpo dela.

Eventualmente, Connor recuperou a sua respiração e equilíbrio, e se retirou. Ele estava determinado a não olhar para baixo, para seu pênis coberto pela umidade escorregadia de Cassandra, mas ele não podia evitar. Era uma visão gloriosa, e se deleitou com ela, até mesmo alcançou e envolveu a mão em torno de si mesmo para sentir isso, antes de colocar seu membro de volta em seu jeans. Ele olhou para baixo para o sexo inchado e rosado de Cassandra que espreitava por entre as coxas untadas com sua ejaculação. Ele guardou a beleza de sua sexualidade primitiva na memória porque, na opinião dele, essa seria a última vez que aconteceria.

Connor colocou a calça de Cassie de volta sobre seu bonito e roliço traseiro e a cobriu. Ele envolveu os braços em volta de sua cintura e a ergueu sobre seus pés. Virou-a, dando dois



passos para baixo de modo que eles estavam quase no mesmo nível, olho a olho. Quando ela pareceu estar firme, ele a largou e moveu-se ainda mais para baixo da escada. Ele precisava da distância, senão poderia não ser capaz de dizer o que precisava.

"O que nós fizemos..." ele olhou para a escada onde ele havia acabado de tomá-la, e então encontrou seu olhar atento diretamente. "...e tudo o que eu disse enquanto fazíamos, essa era a verdade sobre o que eu sinto por você. Eu sinto isso quando estou assim." Ele apontou para o rosto, ainda por completo em paisagem do demônio. Então, pela primeira vez, sem esconder, fechou os olhos e se concentrou. Em menos de um minuto, estava de volta ao rosto que ela sempre conheceu. "E eu sinto quando estou assim." Ele apontou para o rosto novamente. "Isso não muda. Isso não vai mudar. Nunca. Não importa o quê. Não venha para mim até que você acredite nisso, pois não posso suportar o olhar em seus olhos, quando você não confia em mim. Não quando eu tive a sua confiança durante tanto tempo."

A garganta de Connor fechou, e suas palavras foram expulsas sobre a lixa de sua língua, mas ele ia dizer o resto nem que essa fosse a última coisa que faria. "Não quando sua amizade e confiança tornaram-se o alimento para a minha alma." Ele recuou para as sombras, então, mas estava com medo de que, mesmo com a escuridão, não houvesse mais nenhum lugar para se esconder. "Nem quando, nos meus duzentos anos de existência, nunca amei outra como eu amo você. Não venha até mim novamente, até que você saiba em seu coração que esta é a verdade."



Connor desapareceu na escuridão do largo corredor, até que estava fora de vista. Trinta segundos mais tarde, Cassie ouviu a porta bater.

Cassie ficou parada, os pés como um par de blocos de cimento que não lhe permitiam ir atrás de Connor. Seu queixo ficou pendurado, aberto o suficiente para deixar as moscas



entrarem. Ela não podia fazer seu corpo funcionar, mas seu cérebro era uma pista de corrida oval com meia dúzia de carros correndo ao redor, tentando ser a idéia que germinaria primeiro.

Era uma longa lista.

Ela tinha dado a Connor sua virgindade. Connor tinha proposto casamento. Connor não era humano. Ele era um demônio. Ela tinha a capacidade de tornar Connor humano, se ela estivesse disposta a fazê-lo.

A questão era, ela poderia confiar que os motivos dele eram mais profundos do que livrar-se de uma parte de seu DNA ,que ele tão claramente desprezava?

A mente de Cassie travou uma batalha que rasgou seus pensamentos a partir de uma extremidade do espectro até a outra. Por um lado, Connor havia escondido dela informações vitais, sobre quem e o que ele era. Por outro lado, ele a havia perseguido e feito amor com ela novamente. Ele a invadiu de uma maneira que ainda podia sentir entre suas pernas, e suspeitou de que sentiria pelo resto de sua vida. Se não fisicamente, com as lembranças de como ele parecia desesperado para fazê-la acreditar nele. De quão apoloético ele tinha parecido por ser um pouco áspero com o seu corpo, quando na verdade ela muito se deleitou com isso. Tinha sido naquele momento que ela sentiu a sinceridade de suas palavras e necessidades envolvendo-a, empurrando-a a alturas inimagináveis de intimidade que ela havia desejado com Connor, desde que ela percebeu que ela estava apaixonada por ele.

Foi isso o que a deixou enraizada no lugar na escada como se fosse uma estátua de gesso no jardim. Ele disse que a amava. O brilho nos olhos dele, que ele tentou esconder dela quando havia confessado o seu amor, não podia ser falsificado também. Ela sabia uma coisa sobre ele de uma maneira que ninguém sabia. Ela sempre soube que tudo o que sua boca dizia, ou independentemente do que sua linguagem corporal retinha, pode sempre ler o que ele estava realmente tentando dizer nos olhos escuros dele.

Ela conhecia Connor Hawkins melhor do que conhecia a si mesma. Ela sempre acreditou nisso. Ela sempre soube que poderia ser a mulher para aliviar sua solidão e coração



reticente, se ele deixasse-a entrar. Bem, agora que ele havia deixado. A única coisa diferente era que havia mais dentro dele do que ela poderia ter imaginado. Aparentemente, muito mais.

Só que seu coração realmente não parecia se importar com isso. Tudo em que ela parecia ser capaz de se concentrar era que Connor havia dito que a amava. Quando isso aconteceu? Por que não havia visto isso, quando ela pode sempre ver tudo tão claramente? O mais importante de tudo, porém, ela era corajosa o suficiente para confiar cegamente nessa verdade?

"Ainda há tempo, você sabe." uma voz falou-lhe das sombras. O corpo veio para a luz silenciosamente. Um que ela conhecia bem. Caleb. "Eu posso dizer o que você precisa fazer para torná-lo humano, se você quiser ouvir."

Cassie levantou uma sobrancelha sardônica na direção dele. "Eu acredito que eu já entendi a essência, obrigada." Ela ainda estava um pouco chateada com este homem, e seu outro irmão, também, por ter mentido para ela por todo este tempo. "Eu acredito que foi algo como "Eu devo beber a semente dele e ele se tornará humano." Estou me lembrando direito?"

"Sim". Caleb assentiu. Inclinou o ombro contra o corrimão no final da escada. "Tem que ser feito sob a lua cheia na noite de Halloween".

"Certo". Cassie revirou os olhos. "Eu suponho que não seria um ritual demoníaco bom, se não fosse."

"É justo. Você tem direito ao sarcasmo e a ira." admitiu Caleb. "Mas enquanto você está sentindo isso, parou para considerar o quão raramente temos essa oportunidade? Será que você parou e pensou sobre quantas vezes a lua cheia aparece no Halloween?"

O coração de Cassie apertou no peito com medo repentino. "Quantas vezes?"

"Uma vez a cada vinte anos aproximadamente. Antes de hoje, porém, passaram-se quarenta e cinco anos desde a última."

As pernas de Cassie a abandonaram, e ela aterrissou sobre o degrau com um baque. "Oh, Deus".



"Sim." Caleb concordou. "Oh, Deus está certo. Não muitas vezes, não é? Ter a sorte de descobrir que você está recém-apaixonado durante um desses ciclos, bem, isso é ainda mais raro. Para um homem como Connor...e ele é um homem, por que é o que ele sempre quis ser... sacrificar isso ao invés de perdê-la, é a coisa mais rara de todas em um demônio. Pois na verdade, ele não tem que estar apaixonado pela mulher para que funcione. Ela só tem de ser desesperadamente apaixonada por ele."

"Você está dizendo que a maioria de vocês, não pensaria duas vezes em usar uma mulher para obter a humanidade que desejam?"

"Não há muitos demônios que querem ser humanos. Mas entre os que querem, poucos se importam."

"Nem mesmo você?"

Caleb deu de ombros. "Eu não sei se enganaria deliberadamente uma mulher, mas se chegasse um ciclo, e eu estivesse namorando uma mulher que, com um empurrãozinho, soubesse que ficaria louca por mim, teria que pensar muito para não fazê-lo."

"Eu quero acreditar nele." confessou Cassie. Ela deixou cair o peso da cabeça em suas mãos. "Eu quero acreditar que estes anos que passamos e nos tornando bons amigos, não foi uma mentira."

"Não foram." Caleb assegurou-lhe. "Mas antes de decidir se você pode ou não fazer isso, você deve saber mais algumas coisas."

Cassie girou a cabeça até que estava olhando para Caleb através de um espaço entre seus dedos espalhados. "O que mais pode haver?"

"Se você for executar este ritual, então é melhor você ter a maldita certeza que você o ama, com cada fibra do seu ser. Porque o que Connor não disse, o que nunca diria, é que ele só tem uma chance. Se você tomar a sua semente, e estiver simplesmente deslumbrada por ele, então sua chance de se tornar humano deixa de existir. Não há nenhuma segunda chance em vinte anos, ou quarenta anos, se uma mulher que realmente o ama, aparecer e quiser construir uma vida com ele. Ele está colocando toda a fé dele nos seus sentimentos. Outra coisa..."



"Outra coisa?" Cassie gritou. "O que mais pode haver?"

"Se você quiser uma vida com ele...uma família." Caleb esclareceu. "Então este é o único jeito. Ele não pode dar-lhe um filho, enquanto for um demônio. Ele deve ser humano, ou você deve ser demônio, que é o único jeito."

"Certo. Eu não sou um demônio."

"Não." O sorriso de Caleb se desvaneceu completamente. "E confie em mim, é muito mais difícil e incrivelmente mais degradante para você fazer o necessário para se tornar um demônio, do que é para ele se tornar humano. Você não quer saber o que a primeira implica. Não que isso importe, Connor não seria capaz de deixar de lado a possessividade que sente por você a fim de fazê-lo."

Caleb, de repente se inclinou e beijou a bochecha de Cassie delicadamente. "Então, menina Cassie, agora você tem todas as informações. Cabe a você decidir. Vejo você mais tarde". Caleb foi embora tão calmamente, como quando havia chegado.

Bem, ótimo. Não havia nada como o medo de segurar a vida de outra pessoa em suas mãos deixar alguém paralisado. Se ela estivesse errada sobre seus sentimentos por Connor, então acabaria com o sonho que ele tinha, aparentemente, desde a sua criação. A própria idéia de feri-lo dessa forma pressionava o peito de Cassie e tornava difícil para ela respirar.

O fato de estar tão apavorada por tirar a chance dele se tornar humano devia significar que seu amor por ele era real. Não devia? Havia também o fato de que a notícia de que ele era um demônio, mal tinha sido registrada na escala de coisas sobre as quais havia pensado duas vezes. O fato de ter descoberto que ele é um demônio não era o que a havia esmagado na noite anterior. O que havia atacado todo o seu ser como uma doença debilitante era saber que Connor tinha escondido dela uma parte vital de si mesmo, e que talvez tudo de especial que sempre acreditou existir entre eles havia sido fabricado para atingir um fim egoísta. Foi isso o que aqueceu sua raiva na cozinha.

Só que ele a tinha perseguido e feito amor com ela apaixonadamente. Novamente. Então ele abriu seu coração e disse-lhe que a amava. E provavelmente o mais atraente de tudo, o



que fez Cassie sentar-se direito, pois só agora ela havia percebido, era que Connor nem uma vez, pediu-lhe para realizar este ato que faria dele humano. Ela ouviu os irmãos tentarem convencê-lo a pedir, mas ele nunca lhe mencionou o fato. Havia, de fato, dito para não falar com ele novamente, a menos que tivesse total confiança de que seu amor por ela era real.

Isso não era típico de um homem...ou um demônio, ela achava...que tinha planos sinistros para embalar uma jovem ingênua para torná-lo humano. Não podia ser. Simplesmente não era possível.

Cassandra correu rapidamente, de repente sem qualquer dúvida sobre o que deveria fazer. A questão agora era: onde seu demônio estava escondido, e poderia encontrá-lo a tempo?



Capítulo Nove

23:35 h

Cassie não precisou ir muito longe. Ela saiu pela porta da frente e encontrou Connor sentado em uma cadeira na varanda.

Bebeu-o com os olhos, tão estóico e cinzelado que roubava seu fôlego e prendia sua língua impedindo-a de falar. Ela se aproximou, parou ao seu lado, e alcançou o queixo mal barbeado com as pontas dos dedos. Ela fez isso em lugar das palavras que pareciam presas em sua garganta. Ele estremeceu ao seu toque e se afastou, voltando-se para olhar para ela. A incerteza que enchia seus olhos negros apagou todos os medos que Cassie teve. Ele a amava, e o tempo de esconder seus sentimentos dela estava acabado.

Ela deslizou sua mão pelo seu braço e entrelaçou os dedos com os dele.

"Venha." Ela puxou-o para fora de seu assento. "Temos muito pouco tempo. Vamos fazer isso."

"Cassandra". Connor arrastou os pés, enquanto caminhava através do alpendre e para o quintal enluarado. "Você não precisa fazer isso."

"Sim, eu preciso." Ela olhou para ele com o que esperava que fosse um sorriso gentil. Puxou os botões de sua camisa e empurrou-a de seus braços. Seu peito estava magnificamente esculpido pelo trabalho diário na fazenda, e se permitiu tocá-lo, sentir os músculos duros sob sua carne aquecida, como sempre quis fazer. Ela se inclinou e deu um beijo suave sobre o seu coração, sorrindo contra a sua pele, quando ela sentiu o staccato¹ rápido das batidas contra os lábios. "Eu preciso, Connor. Eu preciso fazer isso por nós." Ela deslizou através do seu peito

¹ O staccato ou «destacado» — designa um tipo de fraseio ou de articulação no qual as notas e os motivos das frases musicais devem ser executadas, com suspensões entre elas, ficando as notas com curta duração. É uma técnica de execução instrumental ou vocal que se opõe ao legato. (Wikipédia)



plano até seu mamilo e arremessou a sua língua para tocar a ponta, e a respiração dele sibilou em cima dela.

As mãos dele empurraram através do cabelo dela até segurar seu pescoço. Ele a moveu um passo para trás, até que houve uma medida de distância entre eles. "Você nunca fez isso antes, querida".

Ela levantou uma sobrancelha para ele. "Como você sabe que eu não fiz?"

As mãos de Connor enrolaram-se em punhos contra a nuca dela. "Por favor, não me diga que você já fez, pois então vou ter que matar essa pessoa, da maneira mais dolorosa."

"Relaxe". Cassie fechou a distância entre eles e beijou sua bochecha. "Eu nunca fiz."

"Bom". Ele tomou a boca dela em um profundo beijo carnal, que a deixou instável sobre seus pés. Então ele teve a audácia de sorrir e beijar seu nariz. "Eu não estava a fim de matar hoje à noite."

"Não." ela concordou. As mãos dela foi para o botão de seu jeans, abrindo-o e, em seguida, empurrou o zíper para baixo após a protuberância que já podia sentir empurrando para se libertar. "Você está a fim de ter o seu pau sugado por mim, até que esteja drenado de sua semente." O esfregou através de sua roupa interior, podendo sentir a umidade do pré-sêmen já que umedecendo o tecido. "Mesmo se você for teimoso demais para admitir."

"Não teimoso." ele corrigiu, quando ela caiu de joelhos para ajudá-lo a tirar suas botas.

Ele não precisava ficar nu para isso, mas eles já haviam feito duas vezes sem tirar a roupa antes, e Cassie estava pronta para ver Connor em sua plenitude. Ela tinha sonhado com isso por tanto tempo, que suas mãos tremiam.

Connor levantou o pé e ajudou-a a despi-lo, mesmo enquanto continuava com o sermão. "É só que você não está preparada, Cassandra. Um demônio libera uma grande quantidade de semente quando ejacula, e você nunca tomou a pequena quantidade que um macho humano produz."

"Eu posso lidar com isso." No entanto, o medo do desconhecido alojou-se como uma doença no estômago de Cassie. Não era que não pensasse que fosse ser capaz, mas não queria



apenas fazê-lo, queria fazê-lo bem. Ela queria agradar Connor com a boca, e não apenas ordenhar sua semente de forma clínica, para produzir os resultados desejados. "Eu sou mais forte do que você pensa."

"Eu não duvido de sua força." disse ele. Toda a roupa dele, exceto sua cueca, estava no chão agora, mas sua mão serpenteou e agarrou o pulso dela, antes que Cassie pudesse empurrar a última peça de tecido por suas pernas, para se juntar ao resto. "É uma quantidade obscena de sêmen, Cassandra, e o volume de carne que eu devo comer para manter meu corpo de demônio forte, faz com que meu esperma seja muito amargo." Seu tom era tão sóbrio que Cassie parou para ouvir. "Vai queimar sua garganta como o ácido, e quando você achar que não agüenta mais, continuará a vir. Você é obrigada a beber tudo, para que isto seja bem sucedido."

"Espere um minuto." Ela olhou para ele de sua posição ajoelhada. "Como você sabe o gosto da semente de um demônio?"

Ela não podia acreditar nisso, mas as bochechas de Connor incendiaram e ficaram vermelhas com o calor.

"Às vezes... haverá momentos... Porra, haverá momentos em que eu irei saboreá-la mais de uma vez, e você irá me saborear mais de uma vez antes de nos lavarmos, e nós sentiremos o gosto do outro em nossas bocas, em nossa carne, nos nossos corpos. É assim que eu sei qual é o meu sabor."

Isso lhe deu uma pausa. "O meu gosto ainda está no seu pênis?"

Ele assentiu. Sua mão deslizou por suas tranças e acariciou as costas de sua cabeça. "Eu não queria lavar você de meu corpo. Eu queria seu perfume comigo por tanto tempo quanto possível, caso eu nunca mais tivesse a chance de conhecê-la novamente."

A vulnerabilidade por trás dessas palavras quase quebrou o coração de Cassie. "Como você pode me dizer algo lindo assim e ainda achar que eu não iria querer fazer isso por você?"

A mandíbula Connor começou a estalar e as pálpebras deslizaram pela metade. "Eu só não quero que você se arrependa."



"Você quer uma vida comigo, Connor?" Cassie torceu o pulso fora de seu agarre e empurrou a cueca para baixo pelas pernas, liberando o membro enorme, saltando de sua prisão. Ele ficou ereto e orgulhoso, a apenas alguns centímetros de seu rosto, e ela nunca tinha estado tão assustada, mas completamente certa do seu curso, em sua vida. "Você quer uma vida que inclui o casamento, e filhos e envelhecer juntos?"

O corpo à sua frente estremeceu, e ele enterrou a mão em seus cabelos trançados e puxou, causando-lhe uma dor aguda no crânio. "É a única coisa pela qual eu já orei na minha vida. Tive sonhos de você redonda com meu filho, e acordei em lençóis pegajosos com a minha semente por causa deles. Isso é o quanto eu desejo uma vida com você."

Cassie piscou para conter as lágrimas, antes que pudessem cair. Ela levantou a mão para o membro de Connor e o envolveu com os dedos, testando a dureza aveludada com um toque suave. "Então me deixe fazer o necessário para que possamos ter isso." ela disse, e então lambeu a lágrima perolada da cabeça de seu pênis ereto com a superfície de sua língua.

"Bom Cristo." Connor flexionou as pernas quando ela abriu os lábios e tomou a cabeça bulbosa do pênis em sua boca, girando a língua em torno dela. "Sua boca é o paraíso na minha carne. Oh, Cassandra." Ele gemeu, e sua mão agarrou seu cabelo, quando ela alargou a mandíbula e tomou mais de seu pênis salgado suave na umidade de sua boca. "Estou muito excitado com o seu toque. Eu o sinto chegando... Desculpe-me..."

Cassie olhou para cima e viu o flash de dor no olhar escuro de Connor, conforme seu rosto mudava diante de seus olhos, e o demônio apareceu. Ele parecia odiá-lo tanto, até se envergonhar de si mesmo. Tanto era assim que ele olhou para o lado na direção de um piquete, em vez de olhar para ela.

Cassie alcançou atrás de Connor e sentiu o cume de sua espinha montanhosa, onde se projetava a partir da base das costas dele. Ela passou rapidamente os dedos sobre a carne espetada ali. Todo o seu corpo estremeceu, e ela recuou, deixando seu pênis deslizar por entre seus lábios com um *pop* um pouco molhado, enquanto olhava para seu perfil desamparado.



"Olhe para mim." Cassie deve ter soado suficientemente responsável, pois Connor obedeceu imediatamente. A vergonha que viu em seu rosto quebrou seu coração. "Eu não tenho medo de você." disse ela, em termos inequívocos. "Eu não tenho medo de tocá-lo, quando está em forma de demônio." Ela conformou-se em arrastar os dedos ao longo de sua espinha de novo para provar isso, simplesmente porque seu rosto estava muito longe. Seu eixo pulou na frente dela, e seus quadris se projetavam para frente. Cassie, de repente percebeu que cada centímetro dele era extremamente sensível ao seu toque.

Ela o acariciou novamente, e depois se inclinou para lambar a gota de pré-sêmen que imediatamente escorreu para fora de sua pequena fenda.

"Não tenho medo da paixão que vive no interior do demônio. Você já o mostrou para mim duas vezes. Eu andaria pela cidade com orgulho apoiada no braço do demônio que você é agora, se não fosse pelo medo, por sua segurança. Eu não tenho vergonha de amar um demônio, como eu não tenho vergonha de te amar. Eu o aceitaria...desse jeito...se não fosse pelo fato de que, com nossas diferenças, não poderíamos ter filhos e envelhecer juntos."

Cassie podia quase jurar ter visto a luz do luar refletindo no brilho das lágrimas nos olhos de Connor. "Deixe-se levar, Connor." Cassie sabia que era a única maneira disso funcionar. "Acredite que eu ainda te amarei quando nós terminarmos, assim como eu confiei que você nunca quis me machucar, escondendo de mim metade do que você é."

O demônio finalmente olhou para ela, realmente olhou para ela, e pode ver o Connor real claramente, vivo por trás da paixão primitiva, frente e centro do rosto demoníaco e em seu olhar ardente.

"Tome-me na sua boca." Connor disse, sua voz gutural e sem censura. Envolveu sua própria mão em torno da base de seu membro e o guiou por entre os lábios, parando apenas tempo suficiente para chiar, antes de empurrar para frente, até que a glândula atingiu o fundo da garganta. Ele puxou de volta antes que pudesse engasgar, e, em seguida, empurrou o comprimento suave como seda de seu eixo para trás novamente. "Eu quero foder sua vagina apertada novamente." O tom mudou quando ele aceitou o conselho dela e deixou-se levar. "Mas



é a caverna quente e úmida de sua boca o que eu preciso arrebatrar hoje à noite, e você está fazendo um trabalho tão bom, que eu não tenho nenhuma dúvida de que meu pau vai residir lá muitas vezes no futuro.”

Ele enredou as mãos nos cabelos dela e assumiu o comando, guiando seus quadris para frente e para trás, para frente e para trás, enquanto ele enchia a boca dela com o comprimento espesso de seu pênis, tão quente com a paixão que pulsado e latejava como se tivesse seu próprio coração. Cassie lambia e sugava toda vez que ele empurrava para dentro, e rodava a língua em torno da cabeça, lambendo o pequeno depósito que crescia lá entre cada golpe. Ele estava excitado. Ela podia dizer pela forma como todo o seu corpo vibrava, e pelo murmúrio profundo e baixo entoadado por ele, enquanto fodia a boca dela sem medo de rejeição.

“Chupei, Cassandra”. Os impulsos de Connor começaram mudar e tornaram-se mais erráticos. “Tome tão profundamente quanto você puder, querida... Oh Cristo, eu estou tão perto.” Ele desembaraçou a mão de seu cabelo e agarrou a mão dela. “Aperte minhas bolas.” Ele enfiou os dedos dela entre suas pernas e envolveu-as em torno dos testículos pesados e peludos, mostrando-lhe o que queria. Ela aprendeu rapidamente, estimulada pelo rápido aumento na respiração pesada dele. “É isso aí... assim. Oh, Cristo, suas pequenas mãos são perfeitas. Não pare de chupar meu pau”. Suas palavras sumindo, enquanto ela chupou suas bochechas para dentro e lhe deu tanta sucção quanto podia suportar.

Isso era tudo o que Connor precisava. Seus testículos apertaram-se, escapando de suas mãos. Seu membro pareceu crescer infinitamente mais em sua boca, quase estirando sua mandíbula insuportavelmente.

“Prepare-se, Cassandra.” O corpo de Connor inclinou-se para trás. Ele grunhiu como um animal. “Estou gozando... estou gozando!”

Quase imediatamente, jatos fumegantes de sêmen assaltaram o fundo da garganta de Cassie, espalhando fogo sobre a carne sensível. Ela engoliu os jatos amargos e picantes de semente rapidamente conforme eles vinham, mas antes que pudesse respirar, outro tiro enchia sua boca, cada corrente mais amarga e mais duradoura do que a anterior. Cassie teve de agarrar



os quadris de Connor e segurar firme, para que seus instintos de se afastar não a alcançassem e quebrassem o vínculo que precisava manter.

"Oh... oh... Cristo." resmungou Connor conforme ele enfiava quadris para cima, empurrando seu pau ainda mais profundamente na boca de Cassie, enquanto um longo jorro de sêmen esvaziava seu pênis diretamente para baixo da garganta dela. "Existe mais... há mais." Outro tiro chamuscou sua boca, e Cassie tentou relaxar a garganta deixando deslizar para baixo. "Nunca teve tanto assim antes..." Um gemido saiu do fundo de sua garganta, enquanto segurava a cabeça dela, ajudando-a a permanecer conectada. "Não consigo..." Ele quase pareceu perder as pernas, enquanto um estremecimento particularmente difícil arruinava seu corpo e lançava mais de semente. "... fazê-lo parar."

Cassie agarrou o comprimento do pênis de Connor em seu punho e começou a ordenhá-lo, obrigando apenas a cabeça de seu pênis acomodar-se em sua língua por trás do anel de seus lábios. O movimento pareceu acalmá-lo. Talvez tenha sido ela tomando o controle, ou talvez fosse a maneira como lhe manipulou com a mão, mas sua semente diminuiu a um fino fluxo constante, que, apesar de amargo e picante a ponto de fazer os olhos dela arderem, era muito mais fácil de engolir do que os abrasadores jatos de antes.

"Não há mais nada." ele disse a ela. Ele inclinou-se para cima e a beijou. Lambeu dentro da boca dela, provando-se, ela tinha certeza. Ela sabia que ele fazia isso para participar do que ela havia feito. Ele beijou o canto da boca dela e deitou a cabeça na grama. "Você me sugou até eu ficar seco. E eu juro para os céus, Cassandra, eu mesmo não imaginava que seria tanto assim."

Cassie subiu e descansou os cotovelos sobre os ombros de Connor, de modo que ela pudesse ver seu rosto. Ele estava claramente exausto e gasto, e ela assistiu o demônio deslizar para longe de seu rosto tão rapidamente quanto havia aparecido.

"Como você se sente?." Perguntou ela. Ela tocou a testa lisa humana novamente. "Ele se foi?"



Connor não sabia como responder a isso. Ele não tinha a capacidade de simplesmente fazer o demônio aparecer quando quisesse. O demônio chegava durante a paixão extrema e atos primitivos de sexo ou violência. Ele poderia afastá-lo tão depressa ou tão devagar quanto quisesse, depois do acesso de grande emoção já tivesse passado, mas não podia invocá-lo novamente sob comando dele. Connor sabia que, com condicionamento e treinamento, era possível trazer o demônio à vontade, mas nunca quis que o demônio ficasse com ele quando não era absolutamente necessário, portanto ele nunca havia aprendido.

Connor procurou em seu corpo e sua mente pelos sinais, as mudanças, um sentimento novo ou desconhecido de paz que não estava lá antes.

Connor procurou em seu corpo e sua mente pelos sinais, as mudanças, um sentimento novo ou desconhecido de paz que não estava lá antes.

"Eu não sei." ele finalmente respondeu honestamente, já ele não via o objetivo em mentir agora. "Fisicamente, eu me sinto o mesmo que sempre." A face de Cassie desaminou-se diante dele, e Connor rapidamente acrescentou: "Não importa o que aconteça, eu não lamento o que aconteceu esta noite. Nós nos encontramos, e agora que eu a tive, não pretendo deixá-la ir."

"Eu não vou a lugar nenhum." prometeu Cassie, parecendo francamente mal-humorada. "Eu não quero que você duvide do meu amor por você, se isso não funcionar. Eu te amo, Connor Hawkins." Ela cutucou o peito dele deliberadamente com cada palavra que falou. "Eu não vou permitir que uma maldição demoníaca que pode não ter funcionado, faça você questionar isso, nem mesmo por um segundo."

Cassie estava ardente acima dele, e Connor nunca se sentiu tão plenamente vivo em toda a sua vida.

"Venha cá, meu amor." Ele puxou a cabeça dela para baixo e beijou-a profundamente. Quando ela estava tremendo o suficiente em cima dele, ele disse: "Eu nunca vou duvidar dos



seus sentimentos por mim. Não depois do que você fez esta noite. Cristo..." Uma imagem da boca dela ao redor de seu membro encheu sua mente. Ele deslocou o quadril dela sobre seu pênis e esfregou. "Você me faz pensar que eu nunca tive uma mulher antes. Não me lembro de uma única face feminina que tenha existido antes de você." Ele expulsou uma respiração pesada quando seus mamilos intumescidos arranharam seu peito através de fina camiseta dela. "Juro que nenhuma carne já respondeu ao meu corpo do jeito que o seu parece fazer tão naturalmente."

"Connor!" Cassie se mexia em cima dele, o fazendo gemer. Seu corpo inchou de desejo mais uma vez. Sua mandíbula caiu até o peito dele em estado de choque. "Connor Hawkings." ela repreendeu, mesmo enquanto esfregava o V das coxas sobre pênis que endurecia rapidamente. "De maneira nenhuma eu estou sentindo o que eu acho que estou sentindo."

"Mas é." Ele sorriu maliciosamente conforme movia as pernas dela para que se esticassem sobre as dele. Empurrou as calças dela pelas coxas lustrosas para fora de seu corpo. Ela imediatamente dobrou as pernas para cima apertou-lhe os quadris e com seus músculos firmes pelo trabalho. O agarre das coxas dela era divino.

Cassie levantou-se acima de Connor, e ele não podia desviar o olhar. Ela levantou os braços e deslizou sua camiseta pelo seu corpo, revelando os seios pequenos que ele pensava serem deliciosos e perfeitos. Ela olhou para ele com uma expressão sonhadora tão bela, que ele ficou parado por um momento, apenas para que pudesse se concentrar e cauterizar em sua memória para sempre. Seus ombros rolaram provocativamente, enquanto ela preparava suas mãos contra o peito dele. Sua bagunça do emaranhada de cabelo ondulado cor de mogno derramava-se sobre os seios, dando a Connor um novo quadro de beleza para admirar e amar.

Ele apertou as mãos espalmadas contra seu estômago suave e nu e, em seguida, sob a cortina de seus cabelos até que os pequenos montes de seus seios foram cobertos por suas mãos. Ele acariciou, e provocou, e balançou até que ela estava gemendo e se contorcendo. Suas pernas



apertavam seus quadris ritmicamente, procurando o que só ele ia dar, para o seu resto de sua vida.

"Eu já estou duro para você novamente." Connor alcançou entre suas pernas e afastou seus lábios inferiores com uma mão, e baixou-a sobre seu pênis furioso com a outra. Ela estava molhada e disposta, aberta e agarrando-lhe como tinha feito tantas vezes em apenas uma curta noite. Ele penetrou sua bainha receptiva até o fim. "Eu quero fazer amor com você sob a lua de Halloween, com toda honestidade entre nós." Ele olhou para cima na esfera que brilhante no céu escuro e estrelado. Com um sorriso triste, ele acrescentou: "Se de fato ainda for Halloween."

Cassie agarrou o pulso de Connor e olhou para o relógio. Era o único item que tinha sobre seu corpo, além dela, de qualquer maneira. Ele estava muito mais interessado em um do que o outro.

"Ainda é." Informou com um sorriso secreto que puxou o seu coração. "23:58 h. Mal consegui acabar a tempo."

Cassandra roubou a respiração e os pensamentos de Connor conforme subia e descia, cavalgando seu pênis incorporado sem se apressar. Ela agarrou o membro dele com seu extraordinário calor apertado, e Connor foi rapidamente varrido para baixo da maré de frenética paixão, mais uma vez. Ele era um prisioneiro desta mulher e dos sentimentos que apenas ela poderia arrancar dele. Ele era seu escravo, e ele não se importava.

Só que ele se importava.

Connor ficou completamente parado quando o pensamento o atingiu, grunhindo com a necessidade de manter em movimento, enquanto agarrava os quadris de Cassie para detê-la.

Ele estendeu a mão e puxou-a para baixo, tomando sua boca com um desejo tão feroz quanto o seu pênis havia tomado momentos atrás. Ele sussurrou contra os lábios inchados, "Minha doce Cassandra, você está me deixando louco com seu amor por mim."

"Bom." ela respondeu. "Esse é o meu objetivo." Ela balançou contra o seu comprimento rígido com intenção deliberada. Ele rosnou e impulsionou dentro dela em resposta, pela primeira vez em sua vida não precisando lutar contra a paixão que o consumia por inteiro.



Ele sorriu contra sua boca e disse algo que nunca pensou ser capaz de dizer a essa mulher durante sua vida. Ele sussurrou acaloradamente, "Se nós não pararmos agora, meu amor, eu posso colocar uma vida em sua barriga esta noite."

Foi quando sua Cassandra entendeu. Ela se levantou e se apoiou contra o tórax dele, cravando as unhas pequenas o suficiente para deixar marcas de lua crescente em sua carne. Connor não se importava. Ele queria tudo, marca e tudo. Ele segurou sua língua, quando a verdade finalmente a atingiu, e depois se afundou completamente.

"Você está falando sério?" Ela resmungou, e começou a arrastar sobre o seu pênis latejando novamente. "O demônio se foi?"

"Sim". Connor rolou Cassie e começou a tomá-la seriamente. "Há apenas um homem agora. Aquele que a ama desesperadamente."

"Oh, bem." Ela sorriu para ele, e ele perdeu seu coração novamente. "Eu acho que eu prefiro que o homem saia para brincar."

"Bom". Connor apoiou a cabeça de Cassie em suas mãos e segurou seu olhar. "Porque ele está aqui para sempre, e você nunca irá escapar."

E então Connor Hawkins, macho humano, tomou Cassandra Claire, o amor de sua vida, como ele sonhou fazer durante cinco anos. Ele nunca olhou para trás.

Cassandra era dele. Ele era finalmente humano, e ele estava no céu.

